

E. MAGALHÃES

FEBRE AMARELLA

Seccão de Encadernação
Fac. de Medicina
da
Univ. de S. Paulo
2-61



16 032

DEDALUS - Acervo - FM



10700061188

52435

O ACIDO ARSENIOSO

NA

Febre Amarella

PELO

Dr. EDUARDO DE MAGALHÃES

Da Academia de Medicina



RIO DE JANEIRO

Typ. Besnard frères — 138 Rua do Hospício

1899

16 032

5 3.68
Doação Prof L Cunha nota

O ACIDO ARSENIOSO NA FEBRE AMARELLA

Com o presente trabalho tive principalmente em vista expôr as occurrencias mais interessantes e comprobatorias da efficacia da prophylaxia arsenical da febre amarella nesta Cidade.

Abrangendo o titulo, que escolhi, a medicação therapeutica da enfermidade pelo acido arsenioso, occupei-me tambem do assumpto, para manifestar a minha divergencia dos propectos collegas que adoptaram-na em sua clinica.

Motivando o nosso desaccordo, alludi a outra medicação, sem comtudo especifical-a, quanto a mim racional: referia-me á preferida na Casa de Saude de Nossa Senhora da Ajuda, onde o tratamento da febre amarella foi sempre esmerado; e, depois de larga experiencia, se assentaram as bases dessa therapeutica, que muitas vezes proporcionou a todos, clinicos e auxiliares, momentos de indizivel satisfação.

A occasião não me permittio ser mais explicito, desenvolvendo convenientemente a materia; não bastaria, com effeito, mencionar os medicamentos, mas ao mesmo tempo justificar a medicação.

A febre amarella representa dous periodos, pode-se dizer, oppostos, cada um com suas alterações e variedades, exigindo uma therapeutica complexa e adaptada á situação, e que eu não poderia resumir, sem compromettel-a, nos limites deste trabalho.

Sem desanimo nem muita esperanza, mas attentamente, aguardo o desenlace das questões bacteriologicas, referentes á hygiene, á prophylaxia e á therapeutica da febre amarella, ora soffrega e ardentemente ventiladas.

Antes de apurado o resultado, qualquer intervenção, estranha á actual preocupação, seria imprudente e mal recebida;— opportunamente, conforme as circumstancias, voltarei mais de espaço ao assumpto, passada a alterosa onda que invadiu e avassalou os espiritos.

O ACIDO ARSENIOSO NA FEBRE AMARELLA

Pouco interesse despertará actualmente a recommendação de algum prophylatico, não sendo vaccinico, da febre amarella, voltados como se achão os espiritos para a recente descoberta, que os competentes affirmam ser real desta vez, do germen pathogenico dessa enfermidade, — o *bacillo icteroide*.

Vencida pelo professor Sanarelli a principal difficuldade, aguarda-se anciosamente o complemento ou os resultados praticos do seu successo, a saber — o meio de preservar e até o de combater a febre amarella; porque, conforme é crença geral, a hygiene e a therapeutica das molestias infecto-contagiosas são tributarias da bacteriologia ou estão nella incluidas.

A preservação da hydrophobia e a cura da diphtherite por processos de origem bacteriologica traçaram a rota a seguir nas investigações referentes á prophylaxia e á therapeutica das molestias infecto contagiosas; e não ha desviar os olhos da agulha magnetica.

Daqui por deante, se amarga desillusão não sobrevier um dia, não se esperará, e mesmo não se desejará, prevenir ou combater taes enfermidades de outro modo.

Que importa, por exemplo, que se debelle a febre amarella com os recursos da therapeutica ordinaria, suppridos pela “filha dos tempos”,

maior de 24 seculos, — a medicina tradicional ?

O essencial é alcançar o mesmo fim pelo processo mais simples, mais commodo e mais expedito, de se injectar sob a pelle do enfermo alguns grammos de liquido obtido pela cultura attenuada do proprio germen causador da molestia.

E neste ponto é tal a convicção que, independentemente do isolamento, só agora obtido, do germen pathogenico, já entre nós se recorria para o seu tratamento á medicação antiseptica, vaga, abstracta, aventureira, mas antiseptica.

Considerando-se attentamente os progressos da bacteriologia, o que se nota ?

Que, apesar de reconhecidos ha tempos os germens de algumas molestias, a tuberculose, a febre typhoide, etc., não se logrou ainda, a despeito das promessas e dos bons desejos, preserval-as ou combatel-as por esses mesmos processos já em voga entre nós contra a febre amarella, tornando-nos assim, conforme a expressão do professor Huchard, “mais Pastorianos que o proprio Pasteur”

Lá, do outro lado do oceano, donde nos tem vindo todos os ensinamentos sobre o assumpto, e onde a bacteriologia é cultivada com todo o esmero e proficiencia, não se conseguiu ainda, com applicação áquellas molestias, os resultados com que antecipadamente contamos, Deus sabe por que preço, em relação á febre amarella.

Outra razão acariciadora da vaccina contra essa molestia é a immuidade, conferida “contra si mesma” pelo primeiro ataque.

Raros são, com effeito, os exemplos de reproducção na mesma pessoa; dahi a idéa de produzir a attenuada com o intuito prophylatico.

Cabe entretanto interrogar:- o accesso brando preservará como o formal, grave e classico, da febre amarella?

A este respeito divergem as opiniões dos clinicos.

O Dr. Corre, alludindo, no opusculo—*De l'étiologie et de la prophylaxie de la fièvre jaune*, ás descobertas anteriormente feitas do germen da febre amarella e do meio de attenual-a, entre as quaes figura a do professor Dr. Domingos Freire, pondera: “ L'on a enfin trouvé le moyen d'attenuer son activité, de le détruire même... Mais la fièvre jaune a continué à sévir, à emporter de nombreuses victimes, là où faisait (exemple: Rio de Janeiro) ces intéressantes découvertes.”

O autor, como se vê, duvida da efficacia destes meios; não sendo de admirar, portanto, o mallogro, como tem succedido, da inoculação praticada com liquidos procedentes de origem falsa, illusoria.

Volto, pois, á questão: a febre amarella branda preserva da grave?

No *Traité des maladies des européens dans les pays chauds* o Dr. Dutroulau pronuncia-se sobre o assumpto nos seguintes termos: “ L'acclimatement m'amène à parler des récidives. Elles ont été fréquentes d'une année à l'autre, après une première attaque de fièvre jaune légère, incomplète, pendant la période épidémique que je viens de traverser; et probablement celles qu'on a signalées dans d'autres épidémies ne tenaient qu'à cette propriété de récidiver que possède la fièvre jaune légère, contrairement à la fièvre jaune confirmée et complète. Cette observation s'appuie sur un nombre de faits assez nombreux pour qu'il ne soit

pas douteux pour moi que la fièvre jaune qui n'a pas parcouru ses deux périodes ne préserve pas sûrement de la fièvre jaune grave. ”

Eis a opinião de um observador competentissimo da febre amarella.

No mesmo livro figura á pag. 462 uma nota do Dr. Fuzier, intitulada—*Note sur quelques particularités de la fièvre jaune à la Vera-Cruz*, com o seguinte conceito: “L'immunité a été acquise pour tous ceux qui ont eu la fièvre jaune confirmée.”

Cornillac (1) também não confia na immunidade proveniente da febre amarella benigna, em vista dos casos, occorridos em dezembro de 1868, de reprodução da molestia no principio do anno seguinte mais ou menos gravemente; admite, porém, que a febre amarella benigna attenúa o subsequente ataque do mesmo mal, “et peut permettre presque au malade d'en traverser impunément toutes les phases. ”

Béranger-Feraud (2) decide se pela negativa:

“Tout d'abord, diz, puisque nous avons vu qu'une atteinte légère ne conferait pas l'immunité dans le cours d'une même épidémie, nous devons penser, à priori, que cette atteinte légère ne met pas le sujet en sureté dans les épidémies ulteriores; l'expérience a montré l'exactitude de cette manière de voir ”

Entre nós o mesmo resultado se observa: na Casa de Nossa Senhora d'Ajuda, onde acompanhei o serviço clinico da febre amarella por alguns annos, entraram por vezes doentes de febre amarella com-

(1) Etudes sur la fièvre jaune à la Martinique, 1875.

(2) Traité theorique et clinique de la fièvre jaune, 1890.

pleta, os quaes durante a mesma epidemia lá estiveram em tratamento da benigna; succedendo o mesmo com individuos que accusavam ter soffrido do mesmo mal em epidemias anteriores, alguns dos quaes igualmente tratados ali.

Surge, porém, uma duvida: os casos ditos de febre amarella benigna foram realmente dessa molestia ?

Relativamente a taes casos, cujos symptomas confundem-se com os de outros processos febris incipientes, a presumpção unica em favor do diagnostico é haverem occorrido durante a epidemia; presumpção que aliás é fallivel.

Se, pelo que observei na Casa de Saude, é licito duvidar do diagnostico de certos doentes que, ahi entrando com os primeiros symptomas de molestia apparentemente grave, apresentavam no dia seguinte as mais favoraveis condições de melhora; o que pensar dos casos benignos, que tanto podem ser de febre amarella, como de outra molestia febril, e até de simples suppressão de transpiração ?

Em confirmação do exposto pondera o Dr. Corre (*Traité des Fièvres*): “Les récidives sont rares. Elles seraient plus fréquentes, au dire de Dutroulau, après une fièvre jaune légère qu’après une atteinte grave; mais il ne faut pas oublier que, sous le nom de fièvre jaune légère, on a souvent compris des maladies non amariles.”

Aqui mesmo tem havido desses enganos, succedendo ser uma pessoa tratada de febre amarella, e na mesma epidemia atacada da verdadeira febre, a que succumbe. O primeiro diagnostico foi exacto ? E’ duvidoso.

Ao contrario das opiniões citadas, Jourdanet

é favoravel á immuniidade, e por isso aconselha ás pessoas que se dirigem a Vera-Cruz demora em Campeche ou em Minatilan, onde reina a febre amarella benigna, afim de se preservarem, contrahindo a benigna, da grave, que as aguarda na quella cidade do Mexico.

O Dr. Crouillebois, citando o conselho de Jourdanet, fal-o seu, aconselhando novas experiencias nesse sentido, porque, pondera, “il est possible qu'on y trouvât un préservatif qui, sans être absolu, n'en serait pas moins un immense bien-fait.”

Relativamente á especie pronuncia-se o professor Sanarelli nos seguintes termos (3): “As reincidencias são raras. São mais frequentes depois de um ataque brando do que de um ataque grave, pelo que se pôde acceitar como axiomático que, dada a cura, o homem adquire lentamente immuniidade e fica ao menos por um certo tempo bem vaccinado.”

Da observação clinica e das opiniões emittidas sobre a immuniidade resultante de um ataque de febre amarella infere-se que:

1º) a molestia raras vezes reproduz-se em quem a teve grave, completa;

2º) a benigna não é garantia sufficiente contra a grave.

Assim, conseguido o meio de produzir artificialmente a febre amarella benigna, esse meio não será um prophylático da ordem da lymphá vaccínica contra a variola.

Na melhor hypothese, a consecução de uma

(3) Etiologia e pathogenia da febre amarella. (Annaes da Academia de Medicina, 1897).

vaccina por meio da cultura attenuada do verdadeiro germen da febre amarella, que os competentes, como já disse, encontram no isolado pelo professor Sanarelli, não assegurará a necessaria e devida preservação, sendo o proprio professor Sanarelli um dos que assim o entendem.

A semelhante respeito parece prematura a confiança ou a satisfação de se obter proximamente uma vaccina contra a febre amarella, e correlatamente pouco justificado o frio acolhimento de algum preservativo não vaccinico; dupla consideração que me anima a não desistir do proposito de tornar conhecido o resultado da minha observação relativamente ao emprego do acido arsenioso como prophylatico dessa molestia.

Não é razoavel nem prudente que, ao aceno de uma promessa talvez illusoria, desprezemos meios que, posto não signifiquem o ideal na especie, podem, comtudo ser utilissimos em determinadas condições, como seja aquelle agente medicamentoso nas crises epidemicas do flagello amaril.

Em falta do melhor, aconselha o bom senso a conformidade do possivel.

*
**

A prophylaxia da febre amarella, a mesma das molestias, como ella, infecto-contagiosas, repousa em um conjuncto de medidas hygienicas collimando a não reproducção e o isolamento do germen etiologico, e por meios indirectos em abrigar a população dos seus effeitos maleficos.

A preservação directa, individual, foi experimentada officialmente em Cuba ha 43 annos pelo Dr. Guilherme Lambert de Humboldt, clinico em Nova-Orleans.

No trabalho *Histoire de l'inoculation préservative de la fièvre jaune*, publicado em 1858 pelo Dr. Nicolas Maurine, o autor, que fôra auxiliar de Humboldt, informa que este se offerecera em Outubro de 1854 ao então governador de Cuba, general D. José de Concha; que foi acceito o offerecimento para demonstrar a efficacia do seu preservativo, um veneno ophidico; que os estudos ou as experiencias de Humboldt datavam de 9 annos, durante os quaes elle inoculara 1488 pessoas, das quaes apenas 7 contrahiram a molestia, succumbindo duas; que em Cuba attingiram a 2477 as inoculações, só havendo no decurso do anno 67 obitos, quando a mortalidade costumava ser de 25 %; que pela inoculação Humboldt provocava “uma febre amarella em miniatura”; produzindo “em esboço os phenomenos proprios da molestia”; finalmente, o autor refere-se á forte opposição feita a Humboldt, e ao julgamento militar da sua descoberta por “um tribunal composto de um só individuo, sendo a decisão executada militarmente”

Humboldt, de saude delicada, profundamente desgostoso, retira-se de Cuba, fallecendo em Vera Cruz em 1857.

A proposito dessa tentativa o Dr. Corre, no artigo *Prophylaxie des individus* da citada memoria, não repellindo *à priori* a possibilidade da prophylaxia pelo veneno da cobra do paiz mexicano, entende que dever-se-hia recommençar as experiencias *peut-être susceptibles de resultats interessants*.

São conhecidos os esforços do professor Domingos Freire para conseguir a immunidad individual contra a febre amarella, por meio da cultura

attenuada do germen que elle assegura haver encontrado.

A descoberta do eminente professor, aliás muito controvertida, continua insolvel.

No relatorio sobre a enfermaria de Santa Rita, creada por occasião da epidemia de febre amarella em 1876, o professor Souza Lima, director da mesma, accentúa dous factos que observou :

“1º —a immuidade de que *parecem* (o grypho é d'elle) gosar os charuteiros e cigarreiros, contra a febre amarella ;

2º —a benignidade com que ella acommette os individuos que trabalham ao calor do fogo, taes como os cozinheiros, padeiros, ferreiros e fabricantes de certas industrias.”

Pondera o distincto professor : “com effeito, havendo entre nós nas grandes como nas pequenas fabricas de charutos e cigarros, tantos individuos occupados na manipulação do fumo, e cujas circumstancias deveriam obrigar-os a procurar as enfermarias gratuitas para serem tratados, é para surprehender o facto de não ter entrado um só d'elles para a enfermaria de Santa Rita, tanto mais quanto se se sabe que esses individuos vivem em geral em más condições hygienicas.”

A observação relativa á immuidade dos operarios em fabricas de fumo, não é caso isolado e excepcional, porque, noticiando o *Jornal do Commercio* igual facto observado por medicos americanos, mas com fumantes, o professor Souza Lima, pelas columnas do mesmo jornal, em 12 de Fevereiro de 1889, retificou a noticia nestes termos : “Creio ter havido engano de traducção sobre a palavra *fumantes*, porquanto si assim fosse poucos

teriam essa molestia, visto como quasi todo o mundo fuma. Agora, se, em vez de fumantes, a noticia refere-se a fabricantes ou preparadores de fumo, cigarreiros, charuteiros, etc., então é preciso declarar que este facto foi por mim consignado em 1876 (ha 13 annos) no relatorio que apresentei, etc.”

Demais, o mesmo já observei aqui, em Campinas. Em uma das mais fortes epidemias impressionou-me haver sido apenas atacado em uma charutaria um operario, esse mesmo benignamente.

Se aqui se apreciasse melhor os factos, a observação do professor Souza Lima não passaria despercebida ; ao contrario, poderia até provocar felizes inspirações, donde partissem pesquisas amplamente satisfactorias.

Assim não aconteceu; nem se cuidou de averiguar se o phenomeno observado na Capital Federal, constituindo ali caso isolado em 1876.

Pela *Gazeta de Noticias*, de 13 de Fevereiro de 1889, o Dr. Figueiredo Magalhães recommenda o sulfato de quinina por consideral-o, na preservação da febre amarella, mil vezes superior ao acido arsenioso, porque, diz o projecto clinico, a quinina “tem o poder preservativo como rei dos especificos contra todos os envenenamentos palustres ou infecções pestilenciaes.”

Em sua opinião e de accordo com a propria observação, “preserva, resguarda, impede, evita e obsta o desenvolvimento da terrivel molestia.”

Autorisa-o a affirmal-o a sua observação pessoal, “tanto na Africa como aqui, onde ha 21 annos, acrescenta, tenho visto confirmada de modo admiravel a respectiva immunidadade por occasião de diversas epidemias.”

Como prova da virtude prophylatica do sulfato de quinina o conde Figueiredo Magalhães cita ainda o facto de não ter havido sequer um caso de febre amarella na guarnição de quatro navios de guerra portuguezes que estiveram neste porto em epochas epidemicas desde 1876, cujas guarnições foram submettidas ao referido tratamento preservativo do sulfato de quinina pela forma supra indicada (30 ou 50 centigrammas, conforme a idade, todas as manhãs.)

Consigno as observações do professor Souza Lima e do conde de Figueiredo Magalhães por julgal-as dignas de attenção.

Comquanto o Dr. Corre (obr. cit.) considere de “utilidade duvidosa” a applicação do sulfato de quinina como preservativo da febre amarella, ensaiado em larga escala na expedição do Mexico, de 1864 a 1866, todavia é o proprio a declarar que essa medicação era preconizada por alguns medicos.

Em todo o caso, reinando a febre amarella ha tantos annos entre nós, é estranhavel a nossa indifferença á necessidade de minorar de todos os modos o damno causado á população, estrangeira e nacional,—contrariando, cumpre dizel-o, o dever profissional.

••

Tratarei agora de preservativo, que constitue o objecto do presente trabalho, o *acido arsenioso*, reputado pelo conde de Figueiredo Magalhães “mil vezes inferior” ao sulfato de quinina, limitando-se á simples affirmativa, sem esclarecer si proceê do muito que lhe merece este medicamento,

si do desengano proveniente do largo emprego daquelle precioso agente therapeutico.

Longe de mim, pronunciando-me assim, nem de leve ãesmerecer o sulfato de quinina, que, se não é o rei dos preservativos, como pensa o distincto clinico portuguez, é certamente o *soberano da therapeutica, o rei dos medicamentos*.

*
* *

Os Drs. Francisco da Silva Castro, do Pará, e Rego Cesar, da Capital Federal, preconisaram ao mesmo tempo o acido arsenioso como preservativo da febre amarella. A quem toca a prioridade, é questão affecta á Academia Nacional de Medicina, que nomeou uma commissão para examinal-a.

Não me cabe, pois, tomar partido no pleito, cumprindo-me apenas considerar que ambos chegaram ao seguinte resultado: “o acido arsenioso preserva da febre amarella, e, não o conseguindo, minora sua intensidade.”

E’ digna de nota a concordancia dos resultados verificados pelos dous observadores brasileiros.

O Dr. Silva Castro, na carta dirigida ao Dr. Silva Lima em 25 de Março de 1893, divide o *tratamento therapeutico novo e logico* (iniciado ha 15 annos) em duas partes: 1^a preservativa, 2^a curativa; acrescentando: “Aconselho este tratamento a todos os não acclimados recém chegados.

“Succede que muitos ficam preservados; outros contraem a febre em periodo mais ou menos curto, porem bastante benigna, durante 4 a 6 dias (4)”

(4) *O Democrata*, de 24 de Março de 1893 (transcripto da Revista Medica da Bahia.)

Por seu lado declara o Dr. Rego Cesar: “Pelo que tenho exposto, considero o acido arsenioso um preservativo infallivel até o ponto de, quando não possa prevenir, attenuar a enfermidade, de modo que ella fique reduzida a ligeira indisposição de saude (5)”

E’ patente a concordancia dos dous observadores: preservação da febre amarella e sua attenuação.

Divergem, porem, os dous clinicos em dous pontos: o Dr. Francisco da Silva Castro propõe desde logo o acido arsenioso como agente therapeutico da mesma enfermidade; o Dr. Rego Cesar o acompanha, mas não desde o principio: no artigo publicado em 27 de Março de 1896, no *Jornal do Commercio* e na *Gazeta de Noticias*, este ultimo clinico não se limita á prophylaxia da febre amarella, estendendo a applicação do acido arsenioso, com o mesmo fim, a todas as molestias infecto-contagiosas (6).

O projecto clinico paraense não indica o ponto de partida das suas experiencias sobre a virtude prophylatica do acido arsenioso, limitando-se a qualificar de *racional* sua applicação, sem declarar o motivo, qual a razão do seu juizo.

Dos seus estudos collige-se apenas o seguinte: encontrando no opusculo do Dr. Gamz Lobo sobre a febre amarella aconselhado o arsenico para debellar-a, o Dr. Silva Castro, em carta que lhe dirigio e foi publicada no “Progresso Medico” de 5 de Abril de 1877, pronuncia-se nestes termos: “sou o

(5) Communicação do Dr. Rego Cesar á Academia Imperial (Nacional) de Medicina, *Jornal do Commercio* de 26 de Janeiro de 1889.

(6) *Gazeta de Noticias*, de 27 de Março de 1896.

primeiro a reconhecer essa lacuna. Hoje, porem, parece estar vencido este novo “Rubicon” com o arsenico ou os pós de Boudin, que V. S. emprega e aconselha, e o vinho do Porto internamente.”

Posteriormente, na carta a que já me referi, dirigida ao Dr. Silva Lima, o distincto clinico paraense communica-lhe haver iniciado contra a febre amarella *novo e logico* tratamento, dividido em duas partes — preservativa e curativa.”

Já sabemos da origem da sua applicação therapeutica — do arsenico; como ou porque o venerando Dr. Silva Castro foi levado a empregal-o como prophylatico da febre amarella, é o que elle não declara, nada informa.

O Dr. Rego Cesar é mais explicito: Na sua communicação a Academia Nacional de Medicina diz: “E’ sabido que o arsenico destroe os organismos inferiores; entretanto o motivo de começar eu a experimental-o, com franqueza o digo, não me veio do muito que se conhece sobre a acção physiologica e therapeutica do arsenico, porem de observar que individuos não acclimados e que faziam uso desse medicamento contra outras molestias sahiram incolumes de fócios pestilenciaes, onde perderam pessoas de suas familias.”

O Dr. Rego Cesar não partio, pois, de uma idéa preconcebida, nem deixou-se guiar por principio algum; partio do facto, da observação clinica, da experiencia.

No seu artigo de 27 de Março do anno passado pela primeira vez se refere ao tratamento pelo mesmo agente “nos individuos que, fazendo uso do prophylatico, são accommettidos da febre amarella.”

Nestes casos emprega o acido arsenioso em “poção apropriada a promover a eliminação dos productos toxicos.” A poção é composta, além desse medicamento, do jaborandi, do aconito e da digitalis, isto é hypercrinicos, que “promoverão a eliminação de taes productos.”

Que fim, porem, preencherá o acido arsenioso ? Qual a sua indicação ? A que intuito corresponderá nessa formula ? O Dr. Rego Cesar não o diz.

Deixo por enquanto o assumpto, a que terei opportunamente de voltar.

No mesmo artigo insiste na applicação do medicamento a todas as molestias infecto-contagiosas, como a variola, etc.

Depois de citar o subsidio prestado á propaganda arsenical pelos Drs. Ismael da Rocha, José de Gócs, Rego Lopes, Garcez Palha, e o fraco concurso da minha observação; de mencionar o emprego ultimamente feito, no estrangeiro, contra a escarlatina, a variola, a diphteria e as febres palustres, accrescenta, em vista disso, o Dr. Rego Cesar: “parece-me que aquella minha indicação se impõe como um *methodo geral* (o grypho é seu) de preservação contra todas as molestias infecto-contagiosas, ainda quando para cada uma dellas exista um processo especial preservativo, como se dá com a vaccina em relação á variola.”

Sua convicção é patente: o arsenico, preservativo infallivel ou quasi da febre amarella, e até de todas as molestias infecto contagiosas, e até da variola — considerada virulenta.

Em que se funda para essa generalisação; para adoptar em molestias differentes o mesmo regimen prophylatico; para submetter varios germens pa-

thogenicos á acção de um só agente medicamentoso, em que descobre o extraordinario poder de a todos vencer, — é o que não nos esclarece o Dr. Rego Cesar.

E' certo que na generalisação do poder prophylatico do arsenico não está só, mas apoiado em outras opiniões, como declara.

Reputado desde muito tempo “um dos mais energicos venenos para todos os seres organizados,” o acido arsenioso tem sido, graças á sua *força medicamentosa*, empregado para os fins prophylatico e therapeutico contra as mais graves molestias: o cancro, a lepra, a peste, a hydrophobia; além do seu uso contra o veneno das cobras.

Deixo de parte as suas applicações hygienicas contra o paludismo. “Um volume, dizem Mérat e De Hens (7), não bastaria para conter tudo quanto se ha publicado, desde Hentilius (1684) até agora, sobre a efficacia deste meio.”

Basta-me ponderar que, como agente prophylatico e therapeutico simultaneamente, foi tentado contra a peste e a hydrophobia. Os mesmos autores citão as applicações bem succedidas, mencionadas na obra de Russel sobre as cobras da India, e por elle feitas, a quatorze pessoas mordidas por cães damnados, *mais avant le développement de l'hydrophobie*; acrescentando que o Dr. Loffer aconselhava como preservativo dessa mesma molestia loções com forte solução de acido arsenioso, medicamento tambem usado em alta dose e nos mesmos casos por Ireland *avec um succès constant*.

(7) *Dictionnaire Universel de matière médicale et de thérapeutique générale*, 1829.

Vem, pois, de longa data a reputação do acido arsenioso como preservativo das mais graves enfermidades.

Actualmente, porém, não satisfaz aconselhar esta ou aquella applicação medicamentosa; o espirito scientifico exige mais.

Para generalisar o emprego do acido arsenioso contra todas as molestias infecto-contagiosas, como pretende o distincto Dr. Rego Cesar, não basta apresentar o rasgo da sua inspiração, a sua criteriosa observação e invocar a pratica de outros clinicos; é preciso ainda harmonisar quanto possivel suas idéas com os principios scientificos.

Solidario com o illustre clinico nas applicações do acido arsenioso como preservativo da febre amarella, cuido que esta pratica é abonada pela physiologia pathologica das molestias infecto-contagiosas e pela bacteriologia.

O assumpto merece, por sua importancia, mais detido exame.

* *
* *

Não representando indicação etiologica, atenta a inverosimilhança de ser o mesmo agente antidoto de tantos germens differentes e até do virus varioloso, contra o qual existe efficaz vaccina, só se poderá explicar a preservação de todas as molestias infecto-contagiosas, como pretende o Dr. Rego Cesar, admittindo se entrellas um ponto de contacto, a tendencia commum para determinado acto inicial, essencial a cada processo morbido, acto cuja realisação seja obstada pelo acido arsenioso.

Em outros termos: não sendo etiologica será

physiologica a acção prophylatica do agente medicamentoso.

Iniciando de igual modo os germens sua funcção malefica, atacando a mesma fronteira da protecção organica, afim de se apoderarem della e dest'arte impedirem a defesa natural do organismo, comprehende-se como, reforçada pelo acido arsenioso a fronteira ameaçada, possa n'ella mallograr a tentativa ou frustrar o processo morbido.

Se a defesa já estiver preparada, os germens nada ousarão ante a firmeza e a garantia do organismo. Podem penetrar e preparar suas toxinas, que nada conseguirão: não haverá processo morbido enquanto a resistencia physiologica for superior á acção pathogenica, e aquella prevalecer sobre esta: a molestia é sempre uma capitulação.

Examinados os primeiros symptomas, iniciaes das molestias em questão, observa-se á que todos reflectem a desordem do mesmo apparelho organico, — o systema nervoso.

Estreitando, por necessidade, o circulo das minhas considerações, pondero que nada ha mais parecido, na invasão, com a febre amarella do que a variola.

Abstrahindo da forma epidemica, visto constituir a epidemia forte presumpção para o diagnostico, o simile é tal entre os primeiros symptomas das duas affecções que o clinico ver-se-á embarçado para decidir do que virá, que processo se desenvolverá, se da febre amarella, se da variola.

As primeiras manifestações trahem, pois, o compromettimento do mesmo apparelho organico, como succede, com pequena differença, com as

demais molestias infecto-contagiosas de caracter febril.

Ora, não careço indicar os symptomas, geralmente conhecidos, como partindo do systema nervoso.

No proprio cholera, no beriberi, etc., isto é — nas molestias infecto-contagiosas não febris, verifica-se o mesmo phenomeno, variando apenas de aspecto.

Assim, o mais importante systema organico, o motor e regulador dos actos mais essenciaes á vida, a nutrição, as secreções, a respiração, a circulação, a actividade funcional das cellulas, é o primeiro que se rende; é por elle que o germem começa; é d'elle que antes de tudo se apodera para realizar a sua obra de aniquilamento com a mais calculada segurança e perversidade.

O curto periodo da incubação é o da lucta intestinal, silenciosa, titanica; durante o qual decide-se o exito do encontro entre os micro-organismos pathogenicos e as cellulas organicas; se elles, subjugando as cellulas, se apossarem do systema nervoso, terão ganho a causa, porque sem o sustentaculo desse systema não haverá resistencia possivel.

“A diminuição da força nervosa, diz Claude Bernard, constitue ao mesmo tempo uma predisposição para as affecções putridas, contagiosas e virulentas.”

Occupando-se dos temperamentos sanguineo e nervoso, observam Trousseau e Pidoux que “as pessoas sanguineas são sujeitas a febres e não o são ás molestias nervosas; as nervosas, ao contrario, reagem contra as pyrexias.”

A preservação notada pelo professor Souza Lima nos operarios das fabricas de productos do fumo, e por mim tambem observada aqui, pode bem proceder da tensão do systema nervoso, na atmospheria saturada das emanações da solanea, cuja acção excitante do grande sympathico é conhecida.

E' notorio entre nós que os *nortistas*, muito mais que os *sulistas*, resistem á febre amarella, gosando aquelles de immuidade relativa. Não virá esse privilegio da predominancia do systema nervoso no filho do norte ? E' muito provavel.

Li algures que certo gráo de fraqueza é favoravel á preservação da febre amarella. Por paradoxal que pareça a proposição, quem a emittio teve razão para fazel o, reconhecendo a predominancia e resistencia do systema nervoso no organismo fraco.

Sanguis frenat nervos, disse Hippocrates.

O vigor do apparelho nervoso não é, com effeito, incompativel com a fraqueza organica. O maior cerebro do Brazil trabalha, na Capital Federal, em um organismo acanhado, de apparencia fraca.

Se não fossem os extremos e excessos a que muitas vezes conduz a predominancia nervosa, creando aptidões e imminencias morbidas, poder-se-ia considerar o temperamento nervoso o mais feliz de todos, o mais tenaz e resistente a varios respeitos: sob esse temperamento ha, na realidade, mais vida, mais coragem, mais alma e coração, do que sob qualquer dos outros temperamentos. O homem nervoso não mede forças quando é impellido a actos de energia.

Nas crises epidemicas a timidez, indicativa de depressão nervosa, predispõe á molestia; *la force d'âme*, como diz Valdez y Martinez (8), é um dos meios prophylaticos da febre amarella.

L'énergie morale et la calme d'esprit, pondera o Dr. Corre (9), s'ils ne suffisent pas à préserver de la fièvre jaune, diminuent cependant les chances d'invasion et atténuent souvent les effets de l'infection. Les influences morales dépressives ou violentes, le chagrin, la peur, la colère, augmentent, au contraire, la réceptivité et la gravité de la maladie."

Desenvolvendo os meios de resistència, de que dispõe o organismo contra os microbios que os cercam de todos os lados, o professor Grasset chega a esta conclusão: "a vida é antiseptica"; conceito que póde ser assim traduzido: "o systema nervoso é o melhor dos prophylaticos."

A bacteriologia confirma por igual a necessidade de fortalecer a resistencia organica contra as molestias infecto-contagiosas, evidenciando como as causas deprimentes das forças e particularmente do systema nervoso as attrahem.

O phagocitismo normal, diz Kelsch (10), "uma das mais expressivas e objectivas manifestações do esforço curativo espontaneo da natureza medicatriz, pode ser embaraçado nos diversos actos por varias causas, *maximé* o frio, as influencias nervosas deprimentes, etc; provocando os processos morbidos que a antiga medicina, insciente da causa primeira,

(8) *Considérations historiques, théoriques, pratiques et critiques sur la fièvre jaune, 1857.*

(9) *De l'étiologie et de la prophylaxie de la fièvre jaune, 1882.*

(10) *Traité des maladies épidémiques, 1894.*

attribuía a influencias banaes, entre as quaes os meteoros occupavam o primeiro logar.”

O mesmo autor cita as seguintes considerações de Bouchard: “de outro lado explica-se como as perturbações nervosas, as commoções physicas e moraes, a fadiga, as vigalias, o pesar, todas as circumstancias, em summa, capazes de perturbar o dynamismo vascular, occasionão com tanta frequencia o desenvolvimento ou a aggravação das molestias inficiosas.”

Diz o Dr. Ch. Eloy ser preciso “collocar o organismo á altura do perigo.”

Não se entende geralmente assim, acreditando-se ser decisiva e fatal a acção do parasita, apesar da manifestação contraria de abalisadas opiniões.

Não ha bacteriologista, que não considere a resistencia organica a melhor barreira contra os micro-organismos.

Na *Thérapeutique des maladies infectueuses* —Bouchard, depois de opinar que “para acudir ao organismo não é preciso matar o microbio, pois que disso se encarrega o organismo não sendo desfavoraveis as suas condições,” accrescenta: “vigiae o microbio, mas não esquecei o organismo e suas reacções; glorifícae os progressos recentes, *mais soyez assurés que tout ne date pas d’hier et qu’il y a encore une Médecine.*”

Flugge cita os trabalhos de Wyssokowitsch no sentido de demonstrar que o decrescimento da resistencia das cellulas determina a multiplicação e a repartição de bacierias, que em condições ordinarias do organismo não erão pathogenicas.

“Tout prouve, diz o Dr. Sarđa (11), d’une manière péremptoire, que les micro-organismes, s’ils sont facteurs de maladies, ont besoin de modifications de l’organisme pour les réaliser.”

O mesmo autor cita o seguinte conceito de Jaccoud: “Microbes ou contagés, peu importe, leur propriété morbifique n’est efficace que si l’organisme est en condition de se laisser impressionner et dominer par elle; la maladie infectueuse est le résultat de deux éléments également nécessaires, savoir l’absorption de l’agent infectant et le consentement de l’organisme.”

Partindo da consideração — *que c’est toujours l’économie vivante qui est l’artisan des maladies infectueuses*, o Dr. Sarđa conclue que é dever do medico “libertar o individuo da influencia das causas exteriores capazes de favorecer a vitalidade dos micro-organismos, oppôr-lhes a antiseptia, e “enfin et surtout fournir à l’organisme les moyens de resister dans sa lutte contre l’infection.”

A’ parte o modo de exprimir, o que não padece duvida é que os bacteriologistas e clinicos uniformemente consideram que o melhor agente prophylatico é o proprio corpo humano na integridade das funcções, na plenitude do seu vigor, — integridade e plenitude representadas pela energia do systema nervoso, cuja acção é a garantia do organismo.

O organismo fraco é compativel, conforme já tive occasião de dizer, com o systema nervoso forte, potente; systema nervoso fraco, deprimido,

(11) *Cours de Pathologie générale. Doctrines traditionnelles et science médicale contemporaine.* Montpellier, 1896.

é, porem, incompativel com a bôa nutrição, o vigor organico, a actividade cellular.

No *Traité de Médecine*, de Charcot, Bouchard e Brissaud, a proposito da acção do systema nervoso sobre a nutrição, encontra-se a seguinte reflexão, que merece ser citada: “Il faut encore s’assurer la collaboration du systeme nerveux qui éveille l’appetit, qui rend la digestion plus parfaite, répartit la matière selon les besoins, active l’apport de l’oxygène, et enfin stimule la nutrition cellulaire.”

A energia, pois, da cellula organica, sua reacção contra os micro-organismos e ascendencia sobre estes dependem da actividade, do concurso do systema nervoso. A phagocytose, sendo um acto cellular, depende essencialmente do systema nervoso.

Se, portanto, o systema nervoso é que primeiro se rende, nas molestias infecto-contagiosas, quando a acção do elemento infeccioso é superior á resistencia do organismo, conforme evidenciam as primeiras manifestações symptomaticas das mesmas affecções; se o melhor protector do organismo é elle proprio, quando é são, vigoroso, resistente; parece bem fundada a medicação prophylatica pelo acido arsenioso, proposta pelo Dr. Rego Cesar contra as molestias infecto-contagiosas; porque, a meu ver, este medicamento fortalece o apparelho organico, isto é, o systema nervoso, assegurando assim os meios de acção das cellulas contra os micro-organismos, e a resistencia ás toxinas por elles elaboradas.

Como quer que seja, não permittindo a minha observação julgar da efficacia do prophylatico contra todas as molestias infecto-contagiosas, como

pensa o Dr. Rego Cesar, limitar-me-ei a considerar a efficacia do acido arsenioso em relação á febre amarella, objecto principal do meu trabalho.

*
**

Em nenhuma das molestias infecto-contagiosas febris ou virulentas os symptomas nervosos são tão extensos, profundos e graves, como na febre amarella. Facil é demonstrar.

A invasão, ao menos entre nós, quasi sempre é brusca, sem prodromos; a pessôa é sorprendida em plena saude pelos phenomenos nervosos e congestivos—que afinal nervosos são, iniciaes do processo morbido: de um lado a cephalalgia, a rachialgia, as dôres de pernas e ás vezes de braços, a epigastralgia, a hypotensão arterial e os vomitos de alimentos ou vomitos biliosos; de outro lado a congestão da face, do tronco, das conjunctivas, da pelle— principalmente do tronco, dos órgãos internos e da mucosa gastro-intestinal.

Procedendo os accidentes nervosos da hyperhemia dos seus centros, segue-se que a congestão é total, a saber interna e externa.

A extensão e gravidade dos symptomas do primeiro periodo, inclusive a febre, medem-se pelas profundas alterações do periodo subsequente, o dyscrasico.

O segundo periodo transforma de tal modo a feição da molestia, que dir-se-ia não ser elle o prolongamento do primeiro, mas uma molestia superposta.

Nenhum dos symptomas do segundo periodo é, porem, privativo ou essencial ao processo morbido. Os principaes são a albuminuria, a anuria e o vomito preto.—Examinemol-os.

A albumina nas urinas não se manifesta na febre amarella logo no principio, mas á medida que se accentua o estado grave, antes mesmo do segundo periodo; é symptoma frequente, mas pôde falhar em casos da maior gravidade e manifesta-se em outras molestias infecto-contagiosas. A albumina é indicativa da gravidade e da profunda perturbação dos actos nutritivos, em virtude do compromettimento do systema nervoso, que é o regulador destes actos.

A anuria declara-se ás vezes no primeiro periodo, determinada pela congestão dos rins, de origem certamente nervosa ou vaso-motora.— Quanto á anuria sobrevinda em periodo mais adiantado da febre amarella divergem as opiniões: os bacteriologistas explicam-na a seu modo; os clinicos em geral attribuem-na á paralyisia dos rins.

Ainda ha pouco, na Academia Nacional de Medicina, o illustrado academico Dr. Ismael da Rocha declarou que havia tendencia em attribuir a suppressão das ourinas á profunda depressão do systema nervoso.

“ N’oublions pas de rapeller, diz Béranger-Féraud, que le phénomène, si grave, de l’anurie, peut aussi résulter de la paralysie de la vessie, que de l’abolition de la fonction rénale”

A anuria, neste caso, não pode ser de origem congestiva, porque, sendo assim, sobreviria muito mais frequentemente no primeiro periodo,—o que não acontece; nem seria o symptoma aterrador que é; ao contrario, seria superavel, como é a anuria propriamente congestiva desse periodo.

Demais, a julgar pela clinica da febre amarella na Casa de Saude de Nossa Senhora da Ajuda, a anuria do periodo adiantado rarissimamente se

declarava nos affectados de forma congestiva, não sei se devido ao tratamento ali empregado: os casos que observei eram de doentes entrados já com esse accidente, nos quaes a forma clinica era a nervosa; e que succumbiam no meio de symptomas nervosos, sem um vomito negro.

Tambem neste caso não pode a anuria provir da paralytia do sympathico, mas da dos outros nervos que, como diz Claude Bernard, “dirigem-se aos elementos histologicos cujas fncções acham-se sob a sua influencia. O sympathico não actúa directamente sobre o tecido proprio do orgão; é pura e simplesmente vaso-motor.”

Relativamente ao symptoma em questão ocorre uma circumstancia que demonstra não ser elle virtualmente ligado á pathogenia da molestia, —manifestar-se mais frequentemente em umas epidemias do que em outras. A anuria, pondera o Dr. Torres Homem nas *Lições de clinica sobre a febre amarella*, é um symptoma frequente em algumas epidemias e raro em outras.

Não é, entretanto, privativo da febre amarella: apparece no cholera, no sarampão, na grippe de forma denominada renal, no envenenamento por mordedura de cobra. (12)

Occupar-me-ei agora do vomito preto.

O vomito preto constitue, é certo, um dos symptomas mais frequentes da febre amarella, mas em alguns casos falha completamente.

A forma predominante na febre amarella é a

(12) O Dr. Victor Godinho observou dous casos na sua clinica.

congestiva, exactamente a caraterisada no segundo periodo (13) pela dyscrasia sanguinea.

O sangue adquire tal fluidez que escapa dos vasos. Exactamente nessa forma clinica dão-se as hemorragias, *maxime* a gastrorrhagia, naturalmente por offerecer a mucosa do estomago, congesta e relaxada, maior fraqueza.

As hemorragias na febre amarella dependem, pois, de duas circumstancias: relaxação vascular por paralysisa vaso-motora e maior fluidez do sangue.

A primeira circumstancia é de origem evidentemente nervosa; a segunda de que origem será ?

Antes do mais cumpre estabelecer que em todas as enfermidades inficiosas, *inclusive* as palustres, altera-se mais ou menos a crase sanguinea; em nenhuma, porem, tanto ou tão constantemente como na febre amarella.

Não são, pois, privativas desta as hyperhemias e a dyscrasia sanguinea; o que acontece, sim, é manifestarem-se mais frequentemente na febre amarella e em gráo ordinariamente mais elevado do que nas demais, produzindo o vomito com tal assiduidade que deu o nome á molestia.

Para explicar semelhante predominancia do vomito preto é forçoso admittir maior intensidade e constancia nas desordens vasculares do aparelho digestivo.

Voltemos, porem, á questão: qual a origem da dyscrasia sanguinea ?

(13) Ha quem admitta tres periodos na febre amarella; não fazendo questão disso, admittamos, ao menos convencionalmente, dous periodos: o denominado periodo intermediario não nos interessa aqui.

Este estudo não comporta desenvolvimento, e por isso deixo de apresentar as opiniões dos autores sobre o assumpto, *inclusive* as dos microbiologistas, limitando-me ás minhas reflexões individuaes, de accôrdo com a experiencia adquirida no serviço hospitalar e na clinica.

A dyscrasia sanguinea na febre amarella parece tambem accidente ou resultado da profunda alteração nervosa do organismo: phenomeno puramente nervoso a meu vêr.

De que não é determinada pela temperatura febril, quasi sempre elevadissima no primeiro periodo, duas razões convencem: não se nota o mesmo phenomeno em outras enfermidades infecto-contagiosas ou virulentas em que a temperatura é tanto ou mais elevada e por mais tempo; alem disso ha casos de febre amarella em que o vomito negro se manifesta não tendo a temperatura sido muito exagerada, entre os quaes ocorre-me o de um norueguez, do serviço do Dr. Langaard, na Casa de Saude, doente em quem o calor não excedeu de 39.º; apezar disso ao 3.º dia declarou-se o vomito preto, a que succumbio.

E' conhecido o facto da grande fluidez do sangue nas victimas do raio; *le sang*, diz Miguel Levy (14), *est remarquable après la mort par sa fluidité et tous les tissus se putréfient promptement*. Nestes casos a morte sobrevem por esgotamento do systema nervoso, no qual recae principalmente a acção da electricidade.

Nos envenenamentos por mordedura de cobra são frequentes as hemorragias. Occupando-se dos

(14) *Traité d'hygiène publique et privée.*

seus effeitos toxicos, diz o distincto Dr. Lacerda (15): “ La céphalalgie frontale, les perturbations de la vision, la dilatation des pupilles, les regorgitations de bile, la dépression profonde des forces, la crainte de la mort, sont des symptômes que l’on observe autant chez l’individu attaqué de fièvre jaune que chez celui qui a subi l’inoculation du venin. Il en est de même pour l’épistaxis, l’hématurie, la stomatorrhagie, l’hémorragie intestinale, l’ictère, l’albuminurie, qui constituent l’effrayant tableau de la dernière période de la fièvre jaune et de l’intoxication par le venin de serpent.”

Os phenomenos dyscrasicos produzidos pela inoculação do veneno da cobra procedem igualmente do systema nervoso, e o melhor meio de evital-os ou combatel-os é agir sobre este systema excitando-o. O alcool e o ammoniaco prestam-se a isso vantajosamente, não destruindo chimicamente, conforme as experiencias do Dr. Lacerda, o veneno, mas, como antidotos physiologicos, sustentando a acção ou a resistencia nervosa. Por isso o ebrio affronta impunemente a dentada da cobra venenosa. — Em terrenos da fazenda Santo Aleixo, no Rio de Janeiro, foi encontrado ebrio, cahido á beira da estrada, um trabalhador, e a seu lado permanecia um jaracussú que o havia picado. A consequencia foi nulla. — Demais é facto comesinho.

Uma rapariga de 15 annos, colhendo café, foi mordida no pé por uma jararaca na fazenda Santa Clara, do meu amigo Capitão José Castilho,—onde achava-me de passeio; quando me communicaram o facto já a rapariga deitava sangue pela bocca;

(15) Leçons sur le venin des serpents du Brésil.

empreguei immediatamente uma poção fortemente alcoolizada, a que cedeu o envenenamento. Uma pessoa da mesma fazenda perguntou-me se eu esperava salvar a doente; porque não? respondi.

— Porque foi vista por mulher prenhe;

— Ora, é preconceito ;

— Collegas seus acreditão;

— Que acreditem...

Eis outra circumstancia em que dá-se a dyscrasia sanguinea por depressão nervosa, e circumstancia muito analogá á da febre amarella.

Demais o sangue recompõe-se pela nutrição— que é regulada pelo systema nervoso; se este não o faz, se está impedido disso, se a nutrição é profunda e rapidamente perturbada na febre amarella, as secreções não se fazem regularmente, prostrado o sympathicó pela causa morbida desde o principio, como não resentir-se disso a crase sanguinea?

Trousseau e Pidoux observam: ‘E’ o systema nervoso que anima e coordena as funcções encarregadas de compôr o sangue; o regulador de todos os instinctos, de todos os phenomenos de synergia vital, de reacção geral, da força medicatriz, da resistencia physiologica, emfim de todos os grandes phenomenos sobre os quaes repousam a saude e os symptomas das molestias.’

Esta interpretação da dyscrasia sanguinea na febre amarella impede-me de continuar sem rebater a opinião ou antes o preconceito de attribuir ao sulfato de quinina o funesto privilegio de provocar o vomito preto. Em uma das conclusões da comunicação apresentada pelo illustrado clinico da Capital deste Estado, o Dr. Miranda Azevedo, ao Congresso de Budapest, não foi tão explicito como outros collegas, limitando-se a este conselho:

“Deve-se banir o tratamento pelos saes de quinina, que é quasi sempre nocivo, predispondo os doentes aos vomitos.”

Não ha maior injustiça !

E' superficial e erronea a observação dos que condemnão o sulfato de quinina no tratamento da febre amarella, allegando que esta medicação predispõe a vomitos ou provoca o vomito preto.

Fallo em nome da experiencia, por ter visto esse medicamento sempre empregado pelos Drs. Torres Homem, Martins Costa, Barbosa Romeu e por meu pae—o Dr. José Lourenço, em centenaes de doentes, durante annos, na Casa de Saude de Nossa Senhora da Ajuda, alem dos factos da minha clinica, sem observar uma só vez a acção, que se lhe attribue, de predispor ao vomito ou desafiar o vomito preto.

Accrescento: é lamentabilissima essa prevenção, esse erro, porque o medico, que systematicamente repelle o sulfato de quinina no tratamento da febre amarella, desarma-se do instrumento mais seguro, mais poderoso e efficaç contra o terrivel inimigo.

Porque o preciosissimo medicamento hade provocar o vomito ?

Por ser amargo ? Perguntae aos grandes clinicos, que ainda hoje empregam os saes quínicos na febre typhoide, se lhes passou pela mente semelhante contraindicação ?

Porque attrahe-o vomito preto ? alguma razão haverá ; qual ?

A accusação lançada sobre o sulfato de quinina de provocar o vomito preto partito, sem duvida, de simples coincidencia;—algum clinico administrou este sal na imminencia do vomito preto; não tendo o medicamento o poder de sustel-o, de evita-l-o,

sobreveio o vomito, que viria infallivelmente. e post hoc ergo propter hoc—: “o vomito preto foi provocado pelo sulfato de quinina”, quando este talvez nem absorvido tivesse sido.

Desde então responsabilisaram o medicamento por culpa que não é sua, mas de quem inopportunamente recorreu ao maior dos medicamentos.

Como é contraria á verdade semelhante accusação!

Em 1821 declarou-se a febre amarella em Barcelona, e, vendo o governo francez ameaçado o seu paiz pelo terrivel morbo, nomeou para estudal-o no proprio fóco uma commissão composta de Bally, François e Pariset.

A commissão, depois do mais acurado estudo, apresentou relatorio, que foi publicado em 1823.

Neste interessantissimo e notavel trabalho, em que os productos da observação são apresentados com singeleza e verdade, isentos de ideias preconcebidas, encontra-se, entre muitos ensiuamentos, estes sabios conselhos ou sensatas indicações para o tratamento da febre amarella:

“1º soustraire les centres nerveux et les propriétés vitales aux agents pernicioeux qui les oppriment;

“2º s’opposer à cette singulière dégénérescence des fluides rouges, qui leur permet de transuder à travers les parois capillaires;

“3º arrêter, modérer les inflammations de certains viscères, ou mieux encore, à les prévenir.”

Propondo os meios de realisar as indicações, a commissão chega ao sulfato de quinina, de que se occupa nestes termos:

“Le quinquina, ce remède preconisé par tous les praticiens, si énergique dans ces effets, a été

employé sous toutes les formes dans le traitement de la fièvre jaune. Il est très—indiqué à presque toutes les époques de la maladie, comme tonique, amer, astringent, antiseptique. Il doit être administré, le plus près de l'invasion, dès que la cessation des sueurs en permet l'usage. Son action sur les nerfs ne peut qu'être favorable, et parait le seul moyen propre à conserver au sang sa consistance naturelle, à soutenir l'activité de la circulation, et à calmer, enchaîner des mouvements désordonnés, qui n'ont aucun type, et épuisent le peu de forces qui restent aux malades."

Que admiráveis palavras! que senso pratico não encerram, que fino espirito de observação não revelam!

"....*et parait, cumpre repetir, le seul moyen propre à conserver au sang sa consistance naturelle...*"

Assim é: longe de precipitar o vomito preto, o sulfato de quinina, empregado a tempo, opportunamente, ou como aconselha a comissão *le plus près de l'invasion*, previne, ao contrario, a dyscrasia sanguinea, evita o vomito preto, é a mais poderosa arma contra a molestia, quando manejado com pericia.

Admittindo que da depressão nervosa procedem as mais graves ou todas as manifestações características da febre amarella; reconhecendo no sulfato de quinina o mais rapido tonico nervoso e por isso perfeitamente indicado contra a molestia, comtanto que o seja opportunamente, a saber, antes das alterações que o medicamento pode evitar ou combater, e não depois que ellas se produziram; e, finalmente, sabendo pela experiencia, conforme disse, ser elle o mais energico e effcaz

meio de combater a febre amarella, não devia en perder a oportunidade de protestar contra a accusação injusta, infundada e irracional, de provocar o sulfato de quinina o vomito preto.

Proseguindo no exame das perturbações nervosas, cabe mencionar, além da paralyasia dos rins, á qual já me referi, a da bexiga, tambem ás vezes observada, e igualmente as desordens da rêspiração e a paralyasia do estomago, indicando os dous ultimos symptomas que o pneumogastrico é por sua vez compromettido.

Não me occuparei das manifestações ataxo-dynamicas, exageradissimas na febre amarella, visto significarem o *desespero* do systema nervoso por falta de nutrição, que não encontra, naquelle sangue profundamente alterado.

As desordens respiratorias mereceram sempre a attenção dos clinicos. O Dr. Torres Homem descreve-as incompletamente, limitando-se a mencionar a “inspiração sibilante, como se o doente bebesse a grandes tragos; uma especie de dyspnéa, que faz com que o doente inspire, aspirando por entre os labios mal abertos o ar que deve chegar aos pulmões.”

Não é esta a mais constante perturbação respiratoria, e sim a consistente na que os doentes chamam “falta de respiração”: dizem se oppressos, sem poderem dilatar o thorax para completar o acto ; é a respiração cerebral de Stokes.

Aos antigos não escaparam as perturbações respiratorias. No relatorio da commissão que foi a Barcelona encontra-se na 2ª variedade (o relatorio consigna tres variedades da molestia) “ qu’ elle est quelquefois un peu gênée et comme spasm-

dique”; e na terceira “les mouvements sont quelquefois plus courts et plus fréquents.”

No decurso da febre amarella, mesmo curavel, sobrevêm muitas vezes desordens nervosas da respiração, facilmente removiveis, bastando para isso, como tenho observado, a applicação de sinapismos sobre o thorax.

A paralyisia do estomago merece particular attenção, não tanto pela frequencia, que não é grande, mas por exprimir o ultimo termo da desordem nervosa.

O estomago é um dos orgãos que primeiro soffrem na febre amarella, tornando-se séde dos mais notaveis episodios da molestia. Por essa razão e por ser a via preferida para a administração dos medicamentos, merece o estomago toda a attenção.

Os vomitos iniciaes e a epigastralgia indicam compromettimento do seu systema nervoso desde logo; a anciedade epigastrica, symptoma dos mais angustiosos, demonstra que as desordens nervosas acompanham parallelamente a gravidade do processo morbido; finalmente a paralyisia evidencia que estas desordens attingiram o ultimo gráo. Neste caso o enfermo succumbe sem vomitos, accusando a autopsia a distensão do estomago pela materia preta; ou, sobrevindo o vomito no periodo apropriado, manifesta-se afinal um vomito só, abundantissimo, unico e ultimo, seguido da morte.

Em um doente meu, de 10 annos, cessou o vomito preto, permittindo-lhe conservar leite e uma poção alcoolica; durante 24 horas manteve-se este estado, que seria auspicioso se as urinas, um tanto escassas, não se suspendessem de todo, denotando a gravidade da situação.

Com effeito, no dia seguinte, após alguma agi-

tação, seguiu-se um vomito abundantissimo, composto de todo o leite ingerido, da poção e de alguma materia preta; depois do vomito e de alguma calma, começou a agonia.

Reflectindo-se nas occurrencias nervosas do estomago, que nem sempre attingem á paralytia, é licito admittir grãos intermediarios, cabendo neste caso indagar si o clinico pôde confiar na absorpção dos medicamentos por esse orgão, estando mais ou menos compromettido o seu systema nervoso.

Durante o primeiro periodo, não obstante a congestão da mucosa, ha absorpção dos medicamentos; a experiencia confirma-o; durante o periodo dyscrasico, porém, antes mesmo da paralytia, parece duvidoso.

Este ponto merece attenção, porque de ordinario o clinico continua a utilizar-se da via gastrica para administração dos medicamentos durante o ultimo periodo da febre amarella, sem ter segurança da absorpção d'elles.

E' interessante acompanhar, no relatorio que por vezes tenho citado, as modificações do tratamento da febre amarella, adaptadas ao caso, em vista do estado do systema nervoso.

Assim, se nos affectados da epidemia em Barcellona, se recorria, como aqui, até pouco tempo, ao vesicatorio sobre o epigastro, era mais frequentemente applicado sobre a nuca, denotando a preocupação dos clinicos com a depressão do pneumogastrico, cujo funcionamento procuravam despertar por meio da energica excitação da cantharida.

Entre nós *usava-se* somente da applicação sobre a região epigastrica, pratica muito elogiada

pelo Dr. Torres Homem, que a ella deveu, como confessa, suspender o vomito e obter a cura.

Felizes tempos em que o clinico se ufanava mais de curar do que em acariciar theorias !

Não devo, finalmente, omittir a degeneração gordurosa das visceras e de outros tecidos, que se observa na febre amarella como em nenhuma enfermidade infecto-contagiosa febril; steatose só comparavel com a do envenenamento pelo phosphoro, o mais parecido com o processo morbido amaril, muito mais que o envenenamento consequente á picada de certos ophidios.

Do exposto vê-se que são extensas e profundas as alterações nervosas da febre amarella, constituindo um quadro como não ha igual em molestia infecto-contagiosa febril.

Mais importante não pode, pois, ser o papel do systema nervoso durante o processo morbido, por derivarem, como creio, da extensão e do gráo das mesmas alterações os phenomenos secundarios, da maior gravidade, que constituem o ultimo periodo da febre amarella.

Applicadas estas considerações e os ensinamentos da experiencia á prophylaxia da febre amarella pelo acido arsenioso, chegar-se-ha ao seguinte resultado : se o individuo, em uso do prophylatico, fôr accommettido pela molestia, o seu systema nervoso não entrará em luta nas mesmas condições do que não tiver usado do preservativo; no primeiro caso, ainda que não possa superar a causa, o systema nervoso acha-se em melhores condições do que no outro para resistir, por contar com o coefficiente de força de que este não dispõe.

Não resiste, é certo, ao choque da causa, mas,

fortalecido pela medicação arsenical, póde obstar-lhe a impetuosidade, dest'arte attenuar a intensidade do processo morbido.

O precioso medicamento, usado opportuna e criteriosamente, mesmo que não possa sempre evitar o mal, enfraquece-o em todo o caso, diminuindo-lhe a gravidade, conforme affirmam os Drs. Rego Cesar — principal propugnador da prophylaxia arsenical — e Silva Castro, e eu mesmo tenho observado.

Será o acido arsenioso o mais adequado medicamento para fortalecer o systema nervoso contra a acção do germen causador da febre amarella, para sustentar a resistencia organica ?

E' o que cumpre ventilar.

A therapeutica é rica de nevrosthénicos, isto é, de substancias medicamentosas que estimulam o systema nervoso.

São nevrosthénicos os excitantes e os tonicos, com a seguinte differença : aquelles despertam, acceleram a actividade do systema nervoso, estes fortificam-no, desenvolvem, augmentam sua acção.

Entre os tonicos nevrosthénicos os principaes são a quina ou o sulfato de quinina e o arsenico ou o acido arsenioso.

Qual dos dous melhor desempenha ou effectua a prophylaxia da molestia infecto-contagiosa, é o que convém decidir com applicação á febre amarella.

E' claro que não comparo as duas substancias como agentes therapeuticos ; nesta qualidade colloco o sulfato de quinina acima de tudo; disse e

repito : é o soberano da therapeutica, o mais util e precioso de todos os medicamentos.

Poderosos tonicos nevrosthénicos, e mais efficazes para animarem e sustentarem as forças radicæes do organismo, gravemente abaladas, nas affecções malignas, em razão do compromettimento do nervo grande sympathico, o sulfato de quinina e o acido arsenioso devião gosar da mesma reputação como agentes prophylaticos; entretanto, assim não acontece.

Os Drs. Ismael da Rocha e Rego Cesar, em artigos publicados no anno passado no *Jornal do Commercio*, sustentando ser scientifico o emprego do acido arsenioso como prophylatico da febre amarella, mostraram que é usado por clinicos europeus como preservativo da escarlatina, da diphteria, da grippe, da variola, e até da propria malaria, contra a qual a quinina, com toda a razão, é considerada especifico therapeutico.

O distincto Dr. Ismael da Rocha cita os trabalhos de Bryan, dos quaes trata a *Chronica Medica do Peru'* (Lima, 1893), relativamente ao "valor efficaz do arsenico como excellente preservativo da maioria das molestias infectuosas"; refere o exito da "Commissão allemã dos Srs. Von der Stein, conseguindo atravessar incolume, sob o uso do arsenico, sem a perda de um só homem, regiões inhospitas onde as commissões precedentes deixaram sepultados innumerados"; e finalmente menciona a bella memoria do Dr. Hilario de Gouvêa, apresentada á Academia de Medicina de Pariz, sustentando de igual modo a efficacia do arsenico como prophylatico da malaria.

Vê-se, pois, que o acido arsenioso tem conquistado maior vantagem do que o seu competi-

dor, concorrendo com elle até mesmo nos domínios da malária. Na expedição do Niger (1841) o uso muito prolongado da quinina não impedio a explosão de febres graves; accresce que os medicos militares austriacos e russos tambem não obtiveram resultado administrando-o do mesmo modo nos districtos insalubres do Danubio e do Caucaso.

Os Drs. Kelsch e Kiener entendem haver inconvenientes do uso prophylatico da quinina, entre os quaes o de habituar o organismo ao medicamento, cujo poder especifico diminuirá. (16)

Não ignoro que o sulfato de quinina tem adeptos como preservativo da infecção palustre; noto, entretanto, que, mesmo contra ella, o numero dos entusiastas não é o que devera ser se os resultados obtidos fossem mais constantes e reaes; podendo se affirmar que o acido arsenioso, que conserva a tradição de preservar e combater as manifestações palustres, tem sustentado melhor os seus creditos, como agente prophylatico, bem entendido, do que o sal quinico.

Alguma razão haverá para isso ; qual será ?
Difcilem rem...

Comquanto poderosos nevrosthénicos, parece, todavia, que os effeitos do sulfato de quinina e do acido arsenioso não são os mesmos; o sulfato de quinina é medicamento de acção prompta, de effeito rapido, podendo ser manejado desembaraçadamente pelo clinico nas mais graves manifestações da malignidade; é um medicamento agudo para as situações urgentes, para os casos agudos.

Por mais que entusiastas do acido arsenioso

(16) *Traité des maladies des peys chauds*, 1889.

o reputem capaz de desenvolver a mesma acção em momentos urgentes, é manifesta sua inferioridade; fóra dahi cabe-lhe a palma.

O acido arsenioso é o medicamento da chronicidade, parecendo até que, quanto mais reduzidas são as forças organicas, tanto mais primão as virtudes tonicas desse agente. Assim, nas cachexias elle deixa muito atraz o sulfato de quinina, e, o que é mais singular, até mesmo na cachexia palustre.

Dahi procede que, sendo os dous medicamentos reputados os mais valentes tonico-nevrosthenicos, o acido arsenioso gosa tambem da fama de poderoso reconstituente do organismo. Sua acção não se limita a fortalecer o systema nervoso; vae além, influindo directamente sobre a nutrição.

Sendo assim, conforme a experiencia demonstra, parece ter razão o auctor que attribue ao acido arsenioso uma acção “mais energica, penetrante, doce e duravel.”

Nas nevroses o sulfato de quinina não compete com o accido arsenioso ; na choréa, por exemplo, nenhum pratico se lembra da quinina, preferindo a medicação arsenical; assim na asthma, na hysteria, na hystero-epilepsia, nas nevralgias de origem chlorotica ; exceptua-se a nevralgia palustre, em que é conhecida a efficacia do sulfato de quinina, se bem que tenha havido casos victoriosos para o arsenico.

Dujardin-Beaumetz foi muito entusiasta deste medicamento, reputando-o “ poderoso estimulante da nutrição ” ; preferia-o ao sulfato de quinina, que considerava inutil na cachexia palustre; era o seu medicamento nas nevralgias de origem chlorotica; não conhecia melhor recurso nas

neuralgias gastricas, nem melhor estimulante das funcções gastricas.

Cito textualmente a opinião do autor.(17) “De même que j’ai placé en première ligne, parmi les substances qui agissent contre la tuberculose, la créosote, de même aussi je placerai l’arsenic, en tête des reconstituants; je suis un des plus chauds partisans de la médication arsenicale, et j’en ai vu, pour ma part, des résultats merveilleux.”

Nas cachexias diathesicas o papel do arsenico é providencial; dir-se-á o extremoso bemfeitor dos desvalidos, dos necessitados, dos miseraveis.

Vê-se, pois, que o arsenico é mais do que um nevrosthénico, é tambem poderoso reconstituente.

Não provirá d’ahi, da dupla funcção, a merecida preferéncia dada ao acido arsenioso para a prophylaxia das molestias infecto-contagiosas ?

Sua acção parece adaptar-se melhor aos casos em que se carece de um effeito, comquanto menos prompto, mais penetrante e duradouro.

Si se pudesse obter a immuniidade com uma só dose ou com algumas doses, seria, com effeito, preferivel o agente de acção mais rapida; carecendo-se, porém, desenvolver suavemente e reforçar a acção do systema nervoso, de habilitar o organismo para uma resistencia prolongada, é rasoavel procurar para isso o agente, como é o arsenico, de acção mais calma, porém firme e prolongada.

Bem quizera pronunciar-me em relação ao sulfato de quinina sem restricções, reputando-o o melhor instrumento da therapeutica; a experiencia,

(17) Dujardin-Beaumetz; *Leçons de clinique therapeutique*, tomo 2º, pag. 59.

porem, impõe essas reservas ou certas preferencias que cumpre-me acatar e apreciar, porque com a largura de elementos o clinico se desempenha com mais segurança da sua missão, dispondo de meios adequados a todas as situações: precisando combater o accesso pernicioso, dispõe da quinina; precisando prevenir a infecção, acudir ao organismo cachetico, reconstituil-o, conta com o arsenico.

A preferencia, pois, dada ao arsenico, segundo parece, provem dos effeitos — nevrosthénico e reconstituente — que a medicação arsenical produz; effeitos, pode-se dizer, anti-inficiosos: “a melhor garantia do organismo contra a infecção está no seu vigor.”

O Dr. Ch. Eloy, já por mim citado, a proposito do tratamento da broncho-pneumonia, contra a qual propõe como uma das indicações essenciaes “a medicação geral afim de collocar o organismo em estado de resistencia,” pergunta: “prevenir assim a infecção geral não será tambem praticar a antiseptia?”

“No homem são, diz Kelsch (obr. cit.), é muito grande a resistencia á infecção.”

“A boa saude, diz Bouchard, é a melhor garantia contra a molestia. O meio mais seguro de evital-a é *de bien se porter.*”

Em vista destas considerações deve-se acceitar como justificada a preferencia dos Drs. Rego Cesar e Silva Castro pelo arsenico como preservativo da febre amarella.

O preparado arsenical não tem gosto; todos o tomão, adultos e crianças, facilmente, sem a menor repugnancia. — O acido arsenioso é perfeitamente dosavel, prestando-se a formulas que facilitam o emprego em todas as idades.

É medicamento que activa a digestão, coadjuva a nutrição, restaura as forças, fortalece o sistema nervoso, desenvolve a resistencia do organismo sustentando-lhe as forças radicaes. Que de mais util entre nós, attendendo-se á frequencia das perturbações digestivas, da anemia, das desordens nervosas ?

Propagar, animar quanto possivel o uso do arsenico, é quanto a mim realizar dupla medida hygienica: restabelecer a saude e preservar das molestias inficiosas.

*
* *

Por occasião da pavorosa epidemia de febre amarella em 1889, comecei a propaganda da prophylaxia arsenical no pequeno circulo da minha clinica incipiente e entre as pessoas de minhas relações.

Sobre a sua efficacia nada pude então colher; mas em todo o caso nada soube de desfavoravel, ou que me fizesse desanimar della com o preservativo.

Chegando a Campinas em 1890, com a commissão dirigida pelo illustre Dr. Corrêa Dutra, não cessei, apezar do penosissimo trabalho que nos assoberbava, de aconselhar o preservativo.

Desde então, annualmente, insisto nessa prophylaxia, convencido de que ella pode aproveitar ás localidades, como Campinas onde a febre amarella se domiciliar.

O anno passado (*) declarada a epidemia, a despeito das grandes medidas de saneamento, do esforço da digna Municipalidade, representada por

(*) Eu residia então em Campinas.

seu presidente o distincto collega Dr. Antonio de Campos Salles, e da energica attitudo do Intendente Dr. Vieira Bueno, recommeci a propaganda, não hesitando ante a responsabilidade do meu acto como delegado de hygiene.

Compungia o spectaculo da população afflicta, comquanto resignada, sob os golpes do inexoravel flagello, sem um lenitivo, sem uma esperanza, havendo entretanto um meio preservador a que se podia recorrer.

A sua efficacia, assegurada pelos Drs. Rego Cezar e Silva Castro, fôra confirmada por outros clinicos como os Drs. Ismael da Rocha, Garcez Palha, Rego Lopes, Goes de Siqueira, Souza Lima, Luiz Drumond, e pelo pharmaceutico Orlando Rangel.

Ante as provas por elles apresentadas da efficacia do acido arsenioso como preservativo da febre amarella, e os resultados por mim observados, decidi-me a aconselhal-o largamente, publicando dous artigos no *Diario de Campinas*, a 6 e 7 de Março, com instrucções para o emprego do agente medicamentoso: no fim do mez publiquei outro no mesmo sentido. Este anno, para maior vulgarisação, reuni as instrucções em um folheto, para ser distribuido.

Nesta propaganda mereceu-me sempre particular attenção a infancia, attenta a sua receptividade; felizmente, coincide a facilidade de ingerir o preparado arsenical com a tolerancia infantil.

Lamento havel-o feito tarde, no auge da epidemia, quando muito mais proveitoso seria no começo, ampliando o effeito do preservativo.

Não podia porem de outro modo. Alli incorrem em forte animadversão os que se aventuram a

denunciar os primeiros casos da febre amarella; entende-se que melhor é calar para não aterrar a população, como se fallar significasse agravar o mal ou augmentar o perigo!

Triste illusão: do conhecimento dos primeiros casos só ha proveito a colher: provoca em tempo providencias necessarias.

Cumpre encarar a situação como ella é: convenção-se os Campineiros de que por muito tempo, infelizmente, reproduzir-se á nessa cidade a febre amarella epidemicamente, e que o meio de minoral-a, não fallando na adopção dos conselhos hygienicos e da fiel execução das medidas sanitarias, será recorrer-se desde o principio do verão ao acido arsenioso, que é estomachico, tonico, restaurador das forças, fortalecendo poderosamente o systema nervoso e supprindo o organismo de elementos de resistencia ás infecções.

Do uso conveniente e regular do medicamento não ha receiar accidente algum, observadas as instrucções para o seu emprego; beneficio é o que se deve esperar.

Se neste interim se descobrir a verdadeira vaccina contra a febre amarella, tanto melhor para todos nós; desse dia em diante deixaremos o acido arsenioso como prophylatico e passaremos a adoptar a nova vaccina, que offerecerá maior promptidão nos seus effeitos; antes disso será imprevidencia esquecer ou evitar aquelle medicamento, considerando, além do mais, que descobrimentos desses não se fazem quando se quer, se deseja ou se carece, mas quando as circumstancias favorecem ou o acaso permite.

Deprimír o acido arsenioso por não actuar como vaccina, recorrendo a argumentos terroristas,

figurando perigoso o seu uso, não é prudente nem digno do sacerdocio da medicina.

Sentimentos de ordem inferior não se compadecem com os elevados e humanitarios intuitos da sciencia.

Insucessos não devem surprehender: são justificaveis ou estão justificados, não só porque no anno passado começou-se a usar tarde do preservativo, como porque nada ha infallivel, ou como diz Schedel— *rien n'est absolu en médecine*: a lymphajenneriana falha; o mercurio contra a syphilis igualmente falha; a quinina, o heroico medicamento contra o paludismo, falha tambem.

Porque havemos de ser mais exigentes com o acido arsenioso, preciosissimo medicamento?

Estudemol-o mais largamente como preservativo da febre amarella, modifiquemos o seu emprego conforme nos parecer mais conveniente, aperfeiçoemo-lo, e teremos assim desempenhado melhor nossa missão.

Vem á feição reproduzir as seguintes palavras do illustrado Dr. Ismael da Rocha: “E tão facil o meio aconselhado e tão ao alcance de todos que, estou certo, a propaganda do arsenico tomará vulto; e o povo encontrará assim por pouco preço em qualquer pharmacia um recurso scientifico de grande efficacia contra os horrores de uma epidemia possivel durante o verão.”

São tambem do conceituado clinico as seguintes considerações: “Sendo, como é, bem tolerado, por crianças e adultos, em pequenas doses, não havendo effeitos de intolerancia (diarrhéa, colicas, dôres de cabeça) senão quando se começar por doses relativamente elevadas, é facilima e sem pe-

rigo a sua administração, desde que não sejam excedidos os limites marcados para cada dia.”

Por mim o digo: tenho empregado muitas vezes o acido arsenioso, como medicamento -- e como prophylatico da febre amarella, e ainda não registrei accidente algum lamentavel; insignificantes perturbações gastricas ou gastro intestinaes, cedendo promptamente á diminuição da dose ou á interrupção por alguns dias, é o que tenho visto.

Quizera apresentar nma estatistica do resultado da prophylaxia arsenical, mas a indole da propaganda, tornada popular, muitas vezes á revelia do clinico, não me permittio tentar semelhante trabalho.

No seio das aggremações destacadas, fabricas, collegios, etc., pode-se apurar a verdade; no meio da população compacta é impossivel.

Quantos não se me confessaram este anno satisfeitos com o uso do acido arsenioso, conforme os meus conselhos, attribuindo-lhe o terem atravessado incolumes a gravissima epidemia do anno passado?

De muitas famillias tenho ouvido iguaes manifestações; dizendo-se felizes por terem sido poupadas pela epidemia, apezar de contarem em seu seio crianças, cuja receptividade é aliás notoria.

Em varios pontos, verdadeiros fócos, consegui introduzir a medicação preventiva; o resultado foi muito favoravel, havendo apenas algum caso, mesmo assim benigno, da epidemia.

A estrangeiros recém-chegados, havia 2, 4 e 6 mezes, prescrevi a solução arsenical de Boudin desde o principio da epidemia, da qual escaparam, excepto um ou outro que a teve benigna.

Outros teriam sido mal succedidos: quantos?

Não sei informar.

Nestas condições o mais que posso é colligir factos que abonem a efficacia do preservativo aconselhado; reunirei os mais salientes que conheço.

De um grupo de conhecidos que se submetteram á medicação arsenical, arredou-se um declarando não se sujeitar ao tratamento por lhe haver dito um medico não acreditar no resultado; o recalcitrante, natural do Rio Grande do Sul e chefe de importante casa commercial, foi delles a unica victima, fallecendo de febre amarella em localidade proxima, para onde se retirara.

Uma familia de dez pessoas, oito das quaes crianças, além de quatro creadas, usou do preservativo com exito completo, affrontando casos de febre amarella na visinhança.

Em temivel fóco, onde falleceram varias pessoas, estabeleci a medicação preventiva na presença do distincto collega Dr. Araujo Mascarenhas, delegado de hygiene; o resultado foi felicissimo.

Um moço, chegado havia pouco tempo dos Estados Unidos, usou por espaço de mez e meio dos pós arsenicaes de Boudin, e, não obstante visitar assiduamente o amigo L. F., gravemente enfermo de febre amarella, não contrahio o mal; o mesmo se deu com as pessoas da familia desse moço, igualmente submettidas á medicação arsenical.

Cumpre notar que L. F. usou tambem do preservativo; commettendo, porem, imprudencias e excessos durante o carnaval, veio a soffrer da molestia, que assumio character bastante grave; ainda assim, depois de bastantes dias, o doente conseguiu restabelecer-se.

De uma familia em que todos usaram da solu-

ção arsenical, *inclusive* seis crianças, apenas foi acommettida de febre amarella a ama de uma menina de poucos mezes, tendo-a benigna.

Coube-me dirigir o tratamento de uma menina de 8 annos, a qual, depois de 20 dias do uso da solução arsenical, por vezes interrompido, foi gravemente acommettida de febre amarella, parecendo, taes os phenomenos ataxo-adynamicos, que apresentava, fatal o desenlace; salvou-se felizmente.—A mãe dessa menina, que estivera para mudar-se da casa que habitava por lhe constar se terem dado ali durante a precedente epidemia varios casos fataes, não chegando a realisal-o pela superveniencia da molestia, como acabo de expor, na filhinha, começou a minhas instancias a usar do preservativo—; enfraquecida pelos excessos, dia e nocte, com a enfermidade da menina, e de mais em estado de gravidez, poucas vezes havia tomado o preparado arsenical; foi accommettida de febre amarella de forma renal, pronunciando-se a anuria, vindo a fallecer.

Foi o unico caso fatal, que registrei na minha clinica, de pessoa submettida ao uso do arsenico, ainda assim nas condições que expuz.

A casa, que tão apprehensiva tornou essa senhora, indicava estar realmente inficionada, porque mais tres filhos adoeceram, não havendo, comtudo, insuccesso algum a lamentar.

Um engenheiro, portuguez, funcionario da repartição sanitaria (engenheiro do saneamento), chegado o anno passado, temendo a epidemia, procurou preservar-se por meio da solução arsenical de Boudin, o que conseguiu; este anno, ao começar a estação calmosa, dispunha-se a recomen-

çar a medicação preservativa, quando é acommettido de febre amarella, a que succumbio.

Facto interessante: queixando-se uma senhora muito nervosa, de não poder ouvir fallar em febre amarella, tal o pavor que sentia, aconselhei-lhe instantemente a solução arsenical; decorrido algum tempo fallava na molestia sem susto, do que ella mesmo se admirava; a tal ponto que, adoecendo em casa um rapaz, essa senhora não perdeu a coragem, evidentemente adquirida com o uso do acido arsenioso, e assistio ás peripecias do tratamento, cujo resultado foi favoravel.

Da immuidade dos que se submettem á prophylaxia arsenical dão testemunho distinctos collegas.

O Dr. José Ferreira de Camargo é entusiasta da medicação, de cuja efficacia considera-se exemplo: este collega, depois de muitos annos de estada na Europa, voltou para aqui, e durante a epidemia do anno passado não se poupou, como auxiliar de hygiene, a fadigas; receiando-se da febre amarella, adoptou a preservação arsenical, a que attribue o character benigno da febre que o acommetteu: é um esforçado propagandista do preventivo.

Casos benignos de febre amarella, occorridos em pessoas que usaram do arsenico, foram igualmente observados pelo Dr. Aranja Mascarenhas.

O distincto collega e amigo Dr. Jambeiro Costa, outro propangadista em sua vasta clinica, referio-me, entre outros casos, o de seu cocheiro, estrangeiro chegado ha pouco tempo ao Brazil, homem de forte compleição, que atravessou impunemente a epidemia no uso da solução arsenical.

O Dr. Souza Brito, illustre collega, medico in-

terno do hospital de isolamento, não encontrou, dentre os muitos enfermos ali recolhidos, um só que tivesse usado do preservativo. Convicto apologista da prophylaxia arsenical, diz não haver observado caso algum de insuccesso durante a epidemia de 1892 em Barra Mansa, sendo aliás consideravel o numero de pessoas a quem aconselhou-a, inclusive senhoras gravidas.

O infatigavel delegado de hygiene, Dr. Domingos de Azevedo, attesta igual resultado, não observando caso algum de febre amarella em que usou do arsenico.

Cabe-me mencionar, entre os collegas que preconisavam a medicação arsenical, o Dr. Antonio de Campos Salles, cujo nome já tive o prazer de citar; este collega não só usava, como aconselhava largamente o emprego do acido arsenioso.

O Dr. Diogo de Faria, director do Desinfectorio Geral de S. Paulo, commissionedo pelo governo aqui, e que prestou serviços valiosos, usou sempre do arsenico durante a epidemia, no que foi sempre acompanhado pelos collegas, dignos auxiliares da commissão.

Outros collegas, como os Drs. Guilherme da Silva, Germano Melchert, Vieira Bueno, Castro Menezes, Adriano de Barros, Cunha Motta, Alfredo Benjamin, etc., são sympathicos á propaganda arsenical.

Seria fastidioso enumerar muitos outros casos de immuniidade proveniente da solução arsenical, de que tenho conhecimento.

O resultado da propaganda, cuja responsabilidade assumi, é a sua melhor justificação, e a confirmação das vantagens da prophylaxia arsenical da febre amarella.

A formula que adoptei é a do Dr. Rego Cezar: 10 grammas da solução de Boudin para 300 de agua fervida; a dóse ordinaria foi de duas colheres (das de sopa) para adultos e duas (das de chá) para crianças —diariamente.

O Dr. Ismael da Rocha vae alem no artigo de 2 de dezembro de 1896, “considerando sufficiente a dose *fraccionaria e progressiva* de 2 a 4 milligrammas de acido arsenioso por dia (4 a 8 colheres, das de sopa, por dia), no maximo, para adultos, e de 1/4 de milligramma até o maximo de 2 milligrammas para crianças, conformê a idade.”

O assumpto merece attenção dos interessados pelo exito da prophylaxia arsenical: se é imprudencia elevar de mais a dose do acido arsenioso, não será prudente reduzil-a a condições negativas; a dose muito diminuta será por vezes insufficiente para impedir o effeito de uma causa poderosa, como é o germen da febre amarella.

O acido arsenioso pode ser manejado com mais alguma franqueza, conforme aconselha o Dr. Ismael da Rocha; demais ha um criterio para interromper a medicação; a intolerancia gastrica.

Boudin julgava necessario elevar a dose contra o paludismo até á intolerancia, não temendo, como não se deve temer, este accidente, porque basta interromper a medicação para superal-o.

Entendo que se deve principiar por duas colheres (das de sopa) da solução conforme a formula, diariamente, no começo da epidemia de febre amarella ou —melhor— na entrada do verão; desenvolvendo-se a epidemia, passar a tres colheres por dia, sendo uma por vez, e a quatro em estrangeiros de menos de cinco annos de estada —; e nas crianças tendo-se sempre em consideração a idade, elevar

de duas a quatro colheres de chá ou mesmo um pouquinho mais.

Objectar-se á que é temeridade confiar semelhante arma ás mãos do povo; não pense assim ; considere-se que uma das vantagens da prophylaxia arsenical é a facilidade do seu emprego, a vulgarisação ; será um recurso popular, ao alcance de todos, e por isso e para evitar accidentes indicamos a formula e a dose diaria, e recommendamos expressamente a interrupção ao primeiro signal de intolerancia, prescripção que está ao alcance de todas as intelligencias. O clinico, porém, pode elevar a dose até o maximo admittido pelo Dr. Ismael da Rocha, quando julgar conveniente. Meu receio, confesso, é que a prophylaxia falhe ás vezes pela insignificancia da dose e insufficiencia da acção preservativa.

∴

Occupar-me-hei por ultimo do tratamento da febre amarella pelo acido arsenioso.

Podia prescindir disso, visto ser o principal objecto do presente trabalho expôr o resultado da prophylaxia arsenical, de cuja propaganda encarreguei-me nesta cidade ; mas, manifestando-me francamente adepto da pratica do Dr. Rego Cesar, direi do mesmo modo o que penso desse tratamento.

Quem primeiro empregou, que me conste, o arsenico contra a febre amarella foi o Dr. Gama Lobo. No opusculo *Etudes sur la fièvre jaune* de 1873 a 1874, em francez e inglez, elle descreve o caso de um menino hespanhol, de 8 annos de idade, em periodo adiantado, já com vomitos pretos, que a tudo resistiam ; nesta conjunctura o

Dr. Gama Lobo, “notando que o estado do doente continuava desesperado”, prescreveu os pós de Boudin, “na dose de 24 grãos, divididos em 24 papeis, para tomar um de 2 em 2 horas.” No dia seguinte eram sensíveis as melhoras: “O doente, diz o autor, pedia sempre vinho”, que continuou a ser empregado, bem como quatro papeis por dia dos mesmos pós. No 3º dia estava salvo e em convalescença.

O Dr. Gama Lobo refere-se a outros casos nas mesmas circumstancias e com feliz desenlace, pelo que conclue: “Finalmente a base do melhor tratamento e mais segura da febre amarella funda-se no arsenico e no vinho.”

Não sei se no menino hespanhol, e nos demais doentes a que se refere o auctor, chegados ao ultimo periodo da febre amarella, houve absorpção dos medicamentos, se o estomago podia fazel-o; no caso contrario não sei tambem a qual se deve attribuir a cura; se me coubesse decidir pronunciar-me-ia pelo vinho, “que o doente pedia sempre.”

Inspirando-se na experiencia do Dr. Gama Lobo, o venerando Dr. Silva Castro iniciou a mesma medicação, dividindo o “novo e logico tratamento em duas partes, — preventiva e curativa.”

Contra a febre amarella o clinico paraense procedia assim: começada a molestia, empregava os pós arsenicaes na dose de *deus* papeis por dia, e uma poção composta de infusão de camomilla, sumo de limão azedo e tintura de aconito.

Com esta medicação curava os enfermos.

O Dr. Rego Cesar parece haver adoptado a mesma pratica, recorrendo tambem ao acido arsenioso “nos individuos que fazem uso do preservativo e são acommettidos de febre amarella”,

empregando-o “em poção apropriada a promover a eliminação dos productos toxicos pelos emunctorios naturaes (18).”

A “poção apropriada” compõe-se de jaborandi, camomilla, aconito, digitalis e solução de Boudin.

O mesmo clinico não restringe sua therapeutica aos “que estavam no uso do preservativo”, extendendo-a a outros doentes, comquanto, conforme reconhece, acrescente: — “Aqui já não se pôde contar com facil victoria, pois é muito melhor prevenir do que curar ”

Finalmente, em 30 de março do anno passado, appareceu mais um sectario dessa therapeutica, o Dr. Nascimento Bittencourt, declarando pelas columnas do *Jornal do Commercio*: “quanto á therapeutica da febre amarella parece ainda que é ao acido arsenioso que está reservado o primeiro lugar no tratamento da febre amarella.”

São estes os dados que pude colher relativamente á especie.

Com a devida venia confesso que, apesar de convencido da prophylaxia arsenical, em caso algum, estivesse ou não o enfermo no uso do preservativo, recorreria ao acido arsenioso para combater a febre amarella.

Limitarei as minhas observações aos acommetidos, apesar da medicação preventiva; quanto aos outros é o proprio Dr. Rego Cesar que confessa não confiar no exito da medicação.

Não posso acompanhar os abalisados clinicos, porque desde que o acido arsenioso, empregado mais ou menos longamente, não impede o processo

(18) Artigo de 27 de março de 1896.

morbido, a fraqueza de sua acção é patente ; como pois reccorrer a esse medicamento em situação muito mais difficil, urgente e gravissima ?

Quem não fez o menos não faz o mais.

Accresce que, estando o organismo habituado ao medicamento, não obedecerá com a mesma impressionabilidade á sua acção.

Demais, e é esta a razão capital, o acido arseuioso, em dose therapeutica, não pode ser o medicamento contra uma molestia de evolução rapida e agudissima : seu effeito produz-se ao cabo de dias, e a febre amarella mata em menos tempo.

Não é, pois, remedio na altura da situação.

O Dr. Rego Cesar, porém, não fiou-se exclusivamente no acido arseuioso, mas associou-o a substancias hypercricas, a fim de obter a eliminação dos productos toxicos. Além disso reforçou a dose do acido, administrando meio milligramma de hora em hora, espaçando-a quando a “temperatura desce e as urinas vão eliminando uma materia de côr amarella.”

Com a “poção apropriada” duplo effeito procura : manter a energia do systema nervoso e minoração da causa morbida; dest’arte a therapeutica é simultaneamente physiologica e pathogenica.

Vejamos se o resultado corresponde a esta combinação clinica.

Para obter a eliminação dos productos toxicos o Dr. Rego Cesar reccorre ao jaborandi e ao acnito, como sudorificos ; mas sendo estes dous medicamentos deprimentes do systema nervoso e por isso prejudiciaes, é lamentavel erro empregal-os no tratamento da febre amarella ; a camomilla, que entra tambem na formula, é quasi sem valor ;

resta a *digitalis*, que é um tónico cardíaco e hypertensor.

Incluindo a *digitalis*, pretendeu o Dr. Rego Cesar activar a diuresé, esquecendo que as circumstancias organicas são desfavorabilissimas á acção deste medicamento, que presuppõe a necessaria aptidão do *systema nervoso*.

No doente de febre amarella o coração é enfraquecido pela depressão nervosa e a amplitude do “coração peripherico”, em virtude da dilatação vascular ; isto por um lado ; por outro ha mais ou menos hyperhemia dos rins, como de todos os órgãos, em consequencia das desordens vasomotoras, que são geraes.

Note-se que estes *symptomas* obedecem ou dependem não exclusivamente da fraqueza do coração e da congestão renal, mas de uma causa geral a que estão subordinadas as perturbações locais.

Na febre amarella os *diaphoreticos* e os *diureticos* ordinarios, isto é—os medicamentos que actuam parcialmente, pouco valem.

O que regula as secreções é o *systema nervoso*, e emquanto este, que é o verdadeiro *diaphoretico*, *diuretico*, etc., estiver subjugado, escusado será solicitar parcialmente a função dos órgãos subordinados á acção nervosa.

Os *hypercrinicos* a que o Dr. Rego Cesar recorre para promover a eliminação dos productos morbidos, além da contra-indicação do *jaborandi* e do *aconito*, não realisarão a indicação a que o clinico quiz attender em vista das condições do *systema nervoso*.

Da sua medicação restará, pois, o acido arsenioso, que entra em acção já desprestigiado.

E' certo que emprega o medicamento em dose

muito mais forte do que o Dr. Silva Castro; mas não se deve exigir do medicamento o que elle não pode dar : cada um no circulo de suas aptidões e de accordo com as condições organicas.

Não ignoro que autores entusiastas do acido arsenioso reputam-no superior ao sulfato de quinina até mesmo nas manifestações mais agudas do paludismo, no accesso pernicioso : entretanto a opinião mais moderada parece mais sensata e conforme á verdade. Clinicos dos mais notaveis reconhecem que o arsenico pode ser o melhor succedaneo da quinina, mas nas febres inveteradas, com repetições, mais ou menos ligadas ao depauperamento organico, á incapacidade do organismo para operar reacções salutaes. Podia citar grande numero dos que assim pensão e procedem em relação ao arsenico. Não o farei, porém, limitando-me a transcrever algumas das mais abalisadas opiniões.

Gubler, nos *Commentarios*, diz que, não obstante os muitos e bons testemunhos, o arsenico é certamente muito inferior á quinina como febrifugo, e por isso não aconselha que a elle se recorra contra o accesso pernicioso. A opportunidade do seu emprego, accrescenta, dá-se desde que não se trata de debellar a febre em seu vigor, mas de apagar os traços, restaurar o organismo esgotado e pôl-o a abrigo de recahidas.

Considerando que a quinina é muito mais efficaz contra as febres intermittentes, Nothnagel e Rossbach “reputão irracional erigir o emprego do arsenico, contra a malaria, em methodo therapeutico, como pretendem alguns medicos. Seu emprego é contra as intermittentes inveteradas e as quartãs rebeldes.”

Libermeister (*Leçons de pathologie interne et thérapeutique*, pag. 101) diz: “medicamento muito eficaz contra as affecções palustres é o acido arsenioso ; seus effeitos, porem, só se manifestão depois de longo uso, muitos dias ou muitas semanas. Nos casos inveterados, quando esgota-se a acção do sulfato de quinina, obtem-se bons resultados com esse medicamento.”

Ouçamos Dujardin-Beaumetz, cuja opinião é das mais insuspeitas: “Foi Boudin quem formulou o tratamento das febres palustres por meio das preparações arsenicaes, e todo o mundo está de accordo em recolher o grande serviço que prestão, não no tratamento do periodismo morbido, em que são muito inferiores ao sulfato de quinina, mas no tratamento da cachexia palustre, em que o acido arsenioso é superior á quina e seus derivados.”

“A medicação arsenical, conclue, não substitue, mas completa a medicação pelos alcaloides da quina.”

Boudin, que rehabilitou o arsenico, empregando-o largamente contra as manifestações palustres ; que mais e melhor do que ninguem determinou a sua efficacia contra o paludismo, e estabeleceu precisas regras para o seu emprego; Boudin, o mais ousado e experimentado dos clinicos que manejaram o arsenico, nunca abalançou-se a propô-lo contra os casos agudos, o accesso pernicioso, porque, a despeito da muita confiança e até do enthusiasmo pelo medicamento em questão, nunca pretendeu tirar do seu emprego resultado que o medicamento não podia produzir; nunca considerou-o tão agudo na sua acção quanto a causa morbida nos seus effeitos.

Contrastando com a acção lenta do arsenico, a

febre amarella é, entretanto, uma das molestias mais agudas, mais impetuosas, e capaz de em horas matar ou causar as mais graves e profundas alterações organicas.

Não é, pois, razoavel empregar contra uma molestia desta natureza um medicamento de acção tonica, firme, é certo, mas relativamente muito mais lenta, demorada.

—Eo estado em que o systema nervoso, vigorado pela medicação preventiva, entra em lucta, augmentando a resistencia organica, não facilitará a funcção therapeutica do arsenico ?

Respondo : o primeiro dever do clinico á cabeceira do enfermo de febre amarella é não facilitar. Se ha casos em que ella, começando com muita violencia, com o apparelho symptomatico muito apparatuso, cede com admiravel docilidade á medicação, outros ha, pelo contrario, em que sob apparente benignidade occulta extrema gravidade.

Uma enfermidade dessas, capaz de todas as surpresas, enganadora e traiçoeira, obriga o clinico a esta posição : encarar pelo peor e agir sempre resoluta e energicamente.

O vigor adquirido pelo systema nervoso com o uso mais ou menos prolongado do acido arsenioso prophylaticamente, e a resistencia maior que o organismo offereça ao processo morbido, são indubitavelmente circumstancias favoraveis á medicação, mas não garantia de tal ordem que permitta affrouxar a therapeutica.

Tenho presenciado casos graves, e alguns citei, de febre amarella, occorridos em pessoas que usaram do preservativo, attingindo o mal a taes proporções que faziam receiar pela vida dos doentes;

inesperadamente, porém, serenava a tempestade e succedia a bonança de maneira pouco commum, como que indicando a superveniencia de um elemento novo, o auxilio de uma força occulta, a intervenção de uma circumstancia extraordinaria.

Em summa, por mais grave que se tornasse a molestia, quando tudo presagiava fatal desenlace, conseguia-se salvar o enfermo que usou do prophylatico : o clinico fica como que surpreendido por uma solução com que já não contava.

Poderemos por isso confiar nessa força occulta, mysteriosa, ao ponto de prescindir da medicação mais energica de que possamos dispor? Certamente— não.

Repito ; qualquer que seja a feição da febre amarella, por mais benigna que pareça, não ha facilitar.

No relatorio, a que me tenho referido, da commissão de medicos francezes que foi a Barcellona em 1821, encontra-se a norma da conducta do clinico diante de qualquer caso de febre amarella, nestes termos :

“La règle la plus fixe, la loi de thérapeutique la plus constante dans la fièvre jaune, c’est de ne perdre le temps, et d’agir avec énergie et une inflexible fermeté, aussitôt que la maladie s’annonce.”

Outro preceito do citado relatorio é : “occasio præceps, et ne pas contemporer: car il n’y a de salut à esperer qu’autant que les secours auront été prompts, et qu’on aura agi avec énergie dès la première période.”

Os que tiverem alguma pratica da febre amarella saberão avaliar a sensatez e o alcance dos conselhos que os mesmos trechos encerram.

Antes do advento da theoria pasteuriana quasi não havia clinico que não tivesse medicação sua contra a febre amarella, nem havia medicação que não fosse felicissima; a mortalidade, entretanto, oscillava, não regulada pela superabundancia dos recursos contra a molestia, mas por sua indole occasional.

Cumpre, porém, ponderar que a pretensão de possuir numerosos meios de acção contra a febre amarella, não é exclusiva dos clinicos brasileiros ; em outros paizes se tem notado o mesmo phenomeno : cada clinico age sob sua inspiração e dispõe de uma medicação.... infallivel.

Donde provirá esta singularidade ? A meu ver —do character da febre amarella, havendo casos aparentemente tempestuosos mas no fundo benignos ; casos que curam-se apezar da medicação. Combatendo um caso desses, ostensivamente impressionador, o clinico julga-se na posse de um recurso poderosissimo.

Desde então considera-se na posse do melhor e verdadeiro. Multipliquem-se estes resultados, e ter-se-á a explicação de tantos remedios infalliveis. Quanta desillusão, entretanto, não tiveram de soffrer !

Voltemos, porém, ao assumpto.

Ante a theoria pasteuriana tudo esvaio-se, desapareceo como as andorinhas com a entrada do inverno : não se pensou mais nas conquistas de outr'ora, depuzeram-se as armas, e renunciaram-se as medicações infalliveis, passando-se a tratar a febre amarella em conformidade do novo credo.

A theoria microbiana fascinava, desvendando novos horisontes á hygiene; cuidou-se ter chegado

tambem á era da medicação pathogenica, simples e commoda.

O passado cheirava a incommodo archaismo.

Tão razoavel se afigurava a therapeutica parasitica, que a sua efficacia foi antecipadamente reconhecida, apesar da distancia e das difficuldades antes do termo da jornada : a verdade, a certeza, foram sacrificadas á seducção do momento.

Os microbios, porém, zombavam dos antidotos nas molestias em que o germen era conhecido.

Quanto á fèbre amarella peior se dava; quando tudo levasse a crer na sua origem microbiana, não se conhecia o germen, a sua biologia, o seu contra; e apesar disso a medicação adoptada compunha-se de antisepticos !

Diga-se a verdade : a transição foi brusca de mais : houve muito desapego, muita volubildade da nossa parte.

Ganhou com isso a therapeutica da febre amarella ?

Absolutamente nada, nem podia ganhar com uma medicação que não assentava em base alguma, vaga, abstracta, aventureira.

Na Europa, onde poderosas razões parecem impôr conquistas bacteriologicas, procede-se differentemente : o tratamento da febre typhoide, por exemplo, continúa inalterado: antithermicos, refrigeração e alcoolicos.

E' essa a mesma norma em quasi todas as molestias infecciosas, por não offerecer a medicação antimicrobiana a segurança em que facilmente se acreditou a principio.

Aqui deu-se justamente o contrario : um ideal ainda vago preterio todos os ensinamentos da experiencia.

Os bacteriologistas esforçam-se denodadamente em applicar á clinica o resultado das suas investigações. Nada mais louvavel.

Certos dos seus assignalados serviços á hygiene, voltaram-se para a therapeutica; não vindo ao caso indicar o rumo que tomaram as investigações até a serotherapie.

No Brazil, salvo erro, não partio de bacteriologistas a idéa de applicar a serotherapie á febre amarella, mas de um clinico, o distincto Dr. Miguel Couto, que iniciou experiencias na epidemia de 1892 (19). Posteriormente, um dos maiores vultos da medicina brasileira, o Dr. Luiz Pereira Barreto, fez sua a mesma idéa, manifestando-a em carta ao Dr. Vieira Bueno e por este publicada no *Diario de Campinas* de 3 de maio de 1895.

Applaudindo o conselho do eminente clinico paulista, o Dr. Vieira Bueno, nas linhas que precedem a publicação d'aquella carta, começa declarando ser a febre amarella “até hoje reputada incuravel, superior aos recursos da sciencia medica, quando se reveste de gravidade” ; e, continuando, acrescenta, com mais espirito que razão, que “o que fica na therapeutica da terrivel molestia é a medicação primitiva, o conjuncto dos meios empiricos, que fazem ó *sudare et purgare*, etc.”

Não cabe demonstrar agora quão injustas e até ingratas são as asserções do meu presado amigo Dr. Vieira Bueno relativamente á antiga therapeutica, á qual deveram a vida um sem numero de enfermos de febre amarella.

Eu poderia citar, em contrario a esta opinião pessimista, muitas autoridades nacionaes e estran-

(19) *Brazil Medico*, abril de 1892.

geiras, que acreditam na curabilidade da febre amarella. O obituario da molestia não significa ser ella incuravel, mas que è lethal, como todas as enfermidades graves; o que não depõe contra os nossos recursos, attenta a summa gravidade da febre amarella, a maior perniciosidade revelada em algumas epidemias, e o periodo adiantado em que muitas vezes é o clinico convidado para dirigir o tratamento.

Haverá quem acredite que a serotherapie salvará todos os enfermos?

Leio nos jornaes que o professor Sanarelli descobriu o serum prophylactico da febre amarella e está em via de descobrir a therapeutica ou já descobriu ambos.

Os que acompanhão o actual movimento scientifico conhecem a eminente posição do professor Sanarelli entre os bacteriologistas: as suas opiniões são por elles acatadas. E' indubitavel a competencia desse professor para as investigações sobre a peste que tanto afflige o nosso paiz.

Concedido que elle tenha descoberto o serum therapeutico da febre amarella, não vejo nisso o alcance que geralmente se attribue. Para que não pareça temeraria a minha idéa, tentarei justificar a.

A' parte o pouco que se sabe da acção do serum sobre o organismo humano, lembrarei apenas a distancia entre as experiencias no laboratorio e a applicação ao homem.

Sobre o serum preventivo e therapeutico da febre typhoide, citarei as palavras do Dr. Achalmé (20): "Ce sont surtout les mémoires parus simul-

(20) La sérotherapie (Bibliotheca medica de Charcot e Debove.

tanément, de Sanarelli et de Chantemesse et Vidal, qui établissent sur des bases solides les remarquables effets préventifs et curateurs du sang des animaux vaccinés.”

Mais adiante, sob a rubrica *Applications à la fièvre typhoïde humaine*, pondera : “Ces faits de laboratoire étaient très et trop encourageants, pour qu'on n'ait pas cherché aussitôt à appliquer ces nouvelles données au traitement de la fièvre typhoïde humaine. Malheureusement les résultats cliniques n'ont pas encore répondu à ce qu'on était en droit d'en attendre.”

Por varias razões a febre typhoïde devia ser uma das primeiras molestias vencidas pela sero-therapia, razões que, aliás, não militam ou faltam inteiramente á febre amarella; entretanto o serum therapeutico nada aproveita, segundo se affirma, contra aquella enfermidade.

Menos ainda será com a febre amarella: applicado o serum no segundo periodo, o dyscrasico, o ultimo, que succederá?

O ultimo periodo da febre amarella não é em rigor o prolongamento, mas a deducção do primeiro, é um conjuncto de alterações nada especificas, isto é — um composto de processos secundarios, com os quaes não tem que ver o serum.

Das alterações primitivas talvez as unicas, que liguem o primeiro ao segundo periodo, sejam as nervosas, aggravadas pelas profundissimas perturbações nutritivas e organicas. Percorra-se o quadro symptomatico do segundo periodo, e ver-se á que todo elle representa processos secundarios, contra os quaes a sero-therapia nada colherá, por tornar-se inopportuna sua intervenção.

A medicina racional não dispõe, nesse periodo,

de grandes recursos ; em todo o caso, se algum existe, só della poderá partir, porque só ella é capaz de sustentar o resto das forças e reparar os estragos da molestia.

No segundo periodo não ha mais debellar a molestia, mas unicamente soccorrer o enfermo,— mesmo porque, em rigor, nesse periodo não existe mais a febre amarella, sim os seus estragos. Levantar o systema nervoso, sustentar as reacções organicas, restabelecer a circulação e as secreções, e operar lentamente contra as degenerações, é o que importa fazer, e isso exorbita da acção dos serums.

Leio em telegramma, a proposito da ultima conferencia de professor Sanarelli (*Jornal do Commercio* de 15 de outubro) sobre a serotherapie experimental, que o serum será muito efficaz no primeiro periodo da febre amarella.

Se a isso se limita, não valia a pena a fadiga : o effeito util do serum, limitado apenas ao primeiro periodo, não valerá mais do que o *sudare et purgare* e outros meios de que dispomos.

Demais, desencadeada a tempestade, não ha poder contra ella : confirmado o *caso grave* de febre amarella, receio que não haja serum capaz de refrear o processo morbido, fazendo retroceder submissamente os phenomenos que o assig-nalam.

Não se tendo conseguido isso na febre typhoide, que offerece larga margem á therapeutica, parasitocida, menos se obterá na febre amarella, molestia impetuosa e rapida, prestes a substituir ou transformar o primeiro periodo em outro inteiramente opposto.

Toda a gravidade desta enfermidade resulta da condensação e intensidade dos symptomas iniciaes,

eminentemente perniciosos, exprimindo extensas e profundas perturbações nervosas, maxime do grande sympathico, as quaes, não sendo combatidas directamente, sobreviverão á causa morbida.

Conseguil-o-á o serum ? E' licito duvidar.

Com os recursos, porém, da therapeutica racional restaura se, applicados a tempo, a acção nervosa, opprimida pela molestia, e desimpede se o mecanismo funcional.

Eis o que hoje se despreza a troco das incertezas do futuro.

Não nos illudamos; como diz Liebermeister: l'on a été trop souvent disposé à croire ce que l'on desirait (Quod volumus facile credimus): a febre amarella offerece á serotherapie maiores difficuldades do que as demais molestias infecto-contagiosas febris; seu germen produz rapidamente os phenomenos agudos, caracteristicos do primeiro periodo, entre os quaes occupa o primeiro lugar a hyperthermia com os seus accidentes nocivos á integridade dos tecidos e ao funcionamento organico.

A febre amarella, como todas as molestias inficiosas, póde ser benigna ou grave; a benigna cede a tudo, muitas vezes apezar da medicação; não admira, pois, que ceda tambem á serotherapie, como cede á medicina racional, em verdade sem grande esforço; a grave...

Para sustentar o systema nervoso, moderar a hyperthermia, combater as hyperhemias e restabelecer as secreções, existem os energicos meios da medicina racional; não ha outros.

Tenho por vezes ouvido a opinião de que não se deve combater a temperatura elevada na febre

amarella, visto constituir phenomeno salutar. Esta opinião é perigosissima.

A febre, com effeito, parece ser um dos meios de defesa do organismo, e, até certo limite, pode ser tolerada, prescindindo de cuidados especiaes; a temperatura, porém, na febre amarella excede quasi sempre esse limite salutar, reaccionario, constituindo um dos maiores perigos da molestia, senão o maior: contemporisar com a temperatura superior a 40°, importa entregar o doente indefeso á sanha da enfermidade.

Com a therapeutica ordinaria combate se vantajosamente a febre amarella grave no primeiro periodo, mesmo quando a medicação comece 24 horas depois da invasão da molestia; não subitamente, como uma maravilha, mas combate-se.

Fallo com a experiencia: A' Casa de Saude, onde pratiquei, chegavam ordinariamente os doentes muito depois de atacados da enfermidade; quasi sempre ou sempre depois de 24 horas, e muitas vezes na imminencia do segundo periodo, não sendo mais tempo de aproveitar os meios adequados ao primeiro periodo; pois bem, naquelles a luta era muitas vezes porfiada, mas vencida-se.

Quanto á serotherapie, resta ainda liquidar o seu alcance, o seu poder: se fôr capaz de vencer a febre amarella grave, chegada á plenitude do primeiro periodo, com mais rapidez e segurança do que a medicina tradicional, será della a primazia e a palma da victoria.

Se, porém, tem de funcionar sómente nas primeiras horas, forçoso é confessar que não adianta passo algum na therapeutica da febre amarella, perdendo o serum por desnecessario, o valor que lhe querem dar.

Sabe-se, com effeito, que durante o verão apparecem frequentemente, com a epidemia da febre amarella, muitas outras febres, cujos primeiros symptomas confundem-se com os della, sendo muitas vezes difficil e outras impossivel discriminal-os; quantos não forão a principio tratados de febre amarella sem a terem, e quantos são medicados de outras febres quando o vomito preto veio esclarecer o diagnostico ?

Havendo, como ha, confusão dos symptomas iniciaes no primeiro periodo das febres infectuosas, a serotherapie terá de ser applicada indistinctamente sem a previsão das consequencias.

Os actuaes trabalhos do professor Sanarelli podem ter valor inestimavel para nós, dirigindo a hygiene nos meandros da etiologia da febre amarella e da biologia do seu germen; graças a esses trabalhos poderemos agir com a maior firmeza e precisão nos meios de ataque e defesa contra o inexoravel parasita.

Esta vantagem bastará para collocar Sanarelli entre os maiores bemfeitores do Brazil e da humanidade.

Conseguindo com a sua proficiencia e pertinacia tambem o serum prophylactico, maior será ainda a sua gloria, se a febre amarella branda preservar da infecção aguda.

Quanto ao serum therapeutico da febre amarella, sem duvidar de todo do futuro, não acredito que corresponda ao sublime e humanitario desideratum desse infatigavel bacteriologista, o que certamente não desmerecerá o que já conseguiu e lhe assegura nossa profunda gratidão.

Regeitando, pelas razões expostas, o emprego therapeutic do acido arsenioso contra a febre amarella, faço votos para que a prophylaxia arsenical, enquanto não se descobrir a verdadeira vaccina, entre nos habitos da população nas localidades onde reinar este flagello.

me.e



616.928

M27a

16032

Magalhães, Eduardo de

AUTOR

O ácido arsenioso na febre amarela

TÍTULO

Retirada	ASSINATURA	Devolução

616.928

M27a

16032

Magalhães, Eduardo de

AUTOR

O ácido arsenioso na febre amarela

TÍTULO

Retirada até	ASSINATURA	Devolução

Pedimos não retardar a devolução deste Livro. No cartão anexo consta a data na qual o mesmo deverá ser devolvido à Biblioteca.

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO



ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).